

**DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA
REVISÃO E REDAÇÃO**

SESSÃO: 064.2.52.O

DATA: 27/04/04

TURNO: Matutino

TIPO DA SESSÃO: Solene - CD

LOCAL: Plenário Principal - CD

INÍCIO: 10h48min

TÉRMINO: 13h49min

DISCURSOS RETIRADOS PELO ORADOR PARA REVISÃO

| Hora | Fase | Orador |
|--------------|-------------|-----------------------|
| 13:33 | HO | DANIEL ALMEIDA |

Obs.:

CÂMARA DOS DEPUTADOS

Ata da 064ª Sessão, em 27 de abril de 2004

Presidência dos Srs.
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

ÀS 10 HORAS E 48 MINUTOS COMPARECEM OS SRS.:

- João Paulo Cunha
- Inocêncio Oliveira
- Luiz Piauhyllino
- Geddel Vieira Lima
- Severino Cavalcanti
- Nilton Capixaba
- Ciro Nogueira
- Gonzaga Patriota
- Wilson Santos
- Confúcio Moura
- João Caldas



I - ABERTURA DA SESSÃO

O SR. PRESIDENTE (João Paulo Cunha) - Declaro aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus e em nome do povo brasileiro iniciamos nossos trabalhos.

O Sr. Secretário procederá à leitura da ata da sessão anterior.

II - LEITURA DA ATA

O SR., servindo como 2º Secretário, procede à leitura da ata da sessão antecedente, a qual é, sem observações, aprovada.

O SR. PRESIDENTE (João Paulo Cunha) - Passa-se à leitura do expediente.

O SR., servindo como 1º Secretário, procede à leitura do seguinte

III - EXPEDIENTE



O SR. PRESIDENTE (João Paulo Cunha) - Finda a leitura do expediente, passa-se à

IV - HOMENAGEM

O SR. PRESIDENTE (João Paulo Cunha) - Esta sessão solene, requerida pelos nobres Deputados Wilson Santos, Chico Alencar e Eduardo Paes, destina-se a homenagear os 20 anos do movimento Diretas-Já.

Convido para compor a Mesa o nosso amigo Osmar Santos. *(Palmas.)*

Há muitos jovens no plenário, talvez alguns não se lembrem de Osmar Santos, grande locutor que revolucionou a transmissão de jogos de futebol no País. Na época das Diretas-Já, durante os comícios, ele perguntava a milhares de pessoas presentes: *“Diretas quando, meu povo?”* E o povo respondia: *“Já!”* *(Palmas.)*

Convido também para compor a Mesa o ex-Deputado Federal e ex-Governador do Estado de Mato Grosso Dante de Oliveira, autor da emenda constitucional que restabeleceu as eleições diretas para Presidente da República *(palmas)*; o ex-Deputado Federal Domingos Leonelli, autor do livro *Diretas-Já: 15 Meses que Abalaram a Ditadura*, em parceria com Dante de Oliveira *(palmas)*; e a cantora Fafá de Belém, importante presença no movimento Diretas-Já. *(Palmas.)*

Convido todos a ouvirem, de pé, o Hino Nacional, interpretado pela cantora Fafá de Belém.

É dito o seguinte:

“Quero dizer umas poucas palavras, principalmente a esta juventude que hoje toma conta do plenário da Câmara dos Deputados.



Há 20 anos uma canção ecoou forte no coração do Brasil. E como a história do homem é feita de discursos e canções, o Hino Nacional brotou da alma do povo como a fonte da pedra.

De minha parte, canto-o em todos os meus shows no Brasil e no exterior. E seria bom que estivesse na ponta da língua de todos os brasileiros, principalmente dos jovens brasileiros, como uma oração em busca do respeito e uma ode à cidadania". (Palmas.)

(É executado o Hino Nacional.)



O SR. PRESIDENTE (João Paulo Cunha) - Registro a presença dos alunos da 7ª Série do ensino fundamental e do 3º ano do ensino médio do Colégio Marista João Paulo II, dos alunos da Escola NDA Sênior, de Brasília, e dos alunos do Centro Educacional Renascença. *(Palmas.)*

Para nossa satisfação, registro a presença do Dr. Reginaldo Oscar de Castro, que representa a Ordem dos Advogados do Brasil. *(Palmas.)*

Vamos assistir à apresentação do vídeo *Diretas-Já: 20 Anos.*

(Exibição de vídeo.)



O SR. PRESIDENTE (João Paulo Cunha) - Registro a presença dos alunos da Escola Classe nº 316, de Santa Maria. (*Palmas.*)

É motivo de muita satisfação para a Câmara dos Deputados realizar esta sessão solene em homenagem aos 20 anos do movimento Diretas-Já. A história recente do País precisa ser lembrada para que aquele espírito cívico de liberdade e de participação popular seja sempre motivo para continuarmos lutando por um Brasil melhor.

Desde o primeiro comício do movimento, ainda pequeno, na Praça Charles Müller, em São Paulo, numa tarde fria, começamos a acreditar que o País não seria mais o mesmo. E, de fato, o Brasil passou por mudança profunda que resultou no grande movimento que levou milhões de brasileiros de todas as Capitais às ruas, para reivindicar o direito de voto para Presidente da República. Mesmo que na eleição realizada imediatamente após o movimento não tenhamos obtido o direito de votar, sem dúvida alguma, o movimento foi fundamental para que a ditadura saísse definitivamente do nosso meio, abandonasse a política, deixasse nosso País em paz, para o povo construir seu caminho.

E foi o que fizemos. Conseguimos, em 1989, na primeira eleição direta após a ditadura, fazer grande campanha e eleger o Presidente. Hoje, permanentemente fazemos com que as eleições sejam instrumento democrático, de grande participação, que coloca o Brasil num novo patamar.

Esse movimento precisa ser sempre lembrado por nós, para que a juventude dele não se esqueça. Outro dia, fiquei impressionado ao conferir o resultado de teste com universitários que consistiu em apresentar uma lista de personagens vítimas do DOI-CODI no período da ditadura, entre 1964 e 1984. Por incrível que pareça, vários



estudantes, demonstrando desconhecimento da história, escolheram Tiradentes como uma das vítimas. Talvez quisessem colocá-lo como contemporâneo de vários líderes atuais.

Esta sessão, a exemplo das várias manifestações promovidas em tantos lugares do País, relembrando o movimento Diretas-Já, é importante no sentido de mostrar que o povo brasileiro tem uma história bonita, de grandes mobilizações, de coragem, de enfrentamento, de construção de caminhos diferentes daqueles que, muitas vezes, únicos e inexoráveis, são apresentados pela elite ao povo. Muitas vezes o povo constrói o próprio caminho. O movimento Diretas-Já foi exatamente a expressão disso.

A Câmara dos Deputados, acatando a sugestão dos nobres Deputados Wilson Santos, Chico Alencar e Eduardo Paes, faz esta sessão de homenagem para relembrar o seu compromisso com a democracia, com o povo, com a liberdade e o crescimento econômico do País, a fim de que as novas gerações tenham uma vida melhor.

Parabéns a todos os presentes!

Que o povo brasileiro se lembre sempre desses movimentos como sinal de esperança de uma pátria melhor! (*Palmas.*)



O SR. PRESIDENTE (João Paulo Cunha) - Concedo a palavra ao nobre Deputado Wilson Santos, um dos autores do requerimento de realização desta sessão solene.

O SR. WILSON SANTOS (PSDB-MT. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, nobre Deputado João Paulo Cunha, cumprimento V.Exa.; Sr. Dante Martins de Oliveira, ex-Deputado Federal e ex-Governador de Mato Grosso; Sr. Domingos Leonelli, ex-Deputado Federal pelo Estado da Bahia; Sr. Osmar Santos, grande animador e incentivador do movimento Diretas-Já, ídolo da minha geração, patrimônio do setor de radiodifusão nacional. Que Deus continue a seu lado no processo de recuperação de sua saúde. Minha geração admira sua sensibilidade política de ceder, naquele momento, seu nome e sua imagem em favor do maior momento cívico da história do País. Muito obrigado, Osmar Santos. (*Palmas.*)

Cumprimento a grande artista Fafá de Belém, que vende o Brasil ao mundo. Sem dúvida, Fafá nos emociona. Se houver uma eleição no País para a escolha da interpretação musical do *Hino Nacional* que mais sensibiliza o povo brasileiro, não tenho a menor dúvida de que a sua vencerá, com quase 100% dos votos. Nada há mais bonito na música brasileira. (*Palmas.*)

Colegas Deputadas e Deputados, confesso que foi no movimento Diretas-Já que ocorreu o meu batismo de cidadania. Na época, com 22 anos, líder estudantil na Universidade Federal de Mato Grosso, não havia tido a oportunidade, durante o ginásio ou o segundo grau, de conhecer o movimento estudantil porque o regime militar impedia a organização dos estudantes por meio de grêmios, centros acadêmicos ou diretórios. A UNE havia sido extinta, e sua sede, destruída. Os estudantes não podiam se organizar.



Em 1984, vivenciei a cidadania, quando acreditei que meus aplausos, meus gritos e minhas caminhadas pelas ruas e becos de Cuiabá, nos saguões da universidade, possibilitariam a mudança da realidade do País. Muito jovem, solteiro, acadêmico de Direito, acreditei ser possível, por meio da contribuição de um simples estudante, transformar o Brasil.

Quero dizer a esses garotos e garotas que abrilhantam este plenário que foi na cauda daquele movimento que conheci homens íntegros como Ulysses Guimarães, Tancredo Neves e o extraordinário empresário e Senador da República que rompeu com seu partido e seu grupo político, quando sentiu a necessidade de dar ao povo brasileiro autodeterminação para viver seu destino. Infelizmente, o destino não lhe permitiu ver o Brasil reconstruído democraticamente. Peço de maneira muito especial uma salva de palmas ao menestrel das Alagoas, o grande Senador Teotônio Vilela.
(Palmas.)

Há 20 anos, em 25 de abril de 1984, quando 90% dos presentes a este plenário ainda não tinham nascido, milhares de pessoas tomaram conta da Esplanada dos Ministérios para pedir eleições diretas. Mesmo diante de policiais militares armados, a multidão permaneceu nas largas avenidas e no extenso gramado que leva à Praça dos Três Poderes. O Brasil ainda estava sob o regime militar que havia tomado o poder em 31 de março de 1964. Presidia o Brasil o general de Exército João Baptista de Oliveira Figueiredo.

Aqui, exatamente neste plenário, nesta tribuna, o clima era muito tenso. Os Parlamentares aguardavam o início da votação da Emenda Constitucional nº 5, de autoria do jovem Deputado mato-grossense Dante de Oliveira, do PMDB, que propunha eleições diretas para Presidente da República, suspensas há 20 anos.



Na madrugada de 26 de abril de 1984, a Emenda Dante de Oliveira é derrotada, após 17 horas de discussão, por 298 votos a 65. Faltaram apenas 22 votos para se chegar à maioria de dois terços, necessária à aprovação da proposta de modificação da Constituição. Vale registrar que aquela foi a última derrota sofrida pela democracia brasileira, depois de longa série iniciada em outra madrugada, a de 1º de abril de 1964, 20 anos antes, quando uma insurreição militar depôs o último Presidente eleito pelo povo: João Goulart.

Lá fora, o general Newton Cruz, montado em um cavalo branco, chicoteava os carros que buzonavam e ameaçava prender todos os que vestissem roupas amarelas, a cor que virou símbolo da campanha.

Com a rejeição da Emenda Dante de Oliveira, a decepção toma conta do Brasil. Estudantes, trabalhadores, intelectuais, artistas e gente simples do povo protestam e decidem manter a luta para escolher o Presidente do Brasil.

Ulysses Guimarães, um dos principais responsáveis pela mobilização popular que levou milhões de pessoas a 30 comícios organizados de 12 de janeiro a 16 de abril de 1984, não desistiu do propósito de restabelecer a normalidade democrática no País.

PMDB, PDT, PT e PCdoB adotam a mobilização pelas eleições diretas, apadrinhados também pela Ordem dos Advogados do Brasil, pela União Nacional dos Estudantes, pela Associação Brasileira de Imprensa, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e pela Central Única dos Trabalhadores, com o apoio de sindicalistas, empresários, intelectuais e muitos artistas.



A campanha foi para as ruas de todo o País. O primeiro comício atraiu 8 mil pessoas em Goiânia. Era 25 de junho de 1983. Dizia o Dr. Ulysses Guimarães: *“Essa coisa vai pegar, tem tudo para pegar”*.

No dia 29 do mesmo mês, formou-se no Rio de Janeiro frente suprapartidária que reuniu no Palácio da Guanabara os Governadores Leonel Brizola, do Rio de Janeiro, Franco Montoro, de São Paulo, e o Presidente Nacional do PT, o sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva, hoje Presidente da República do Brasil. Outros Governadores engajaram-se no movimento, entre eles Waldir Pires, do MDB baiano, Roberto Magalhães, do PDS de Pernambuco, José Richa, do MDB do Paraná, e Gerson Camata, do MDB do Espírito Santo.

Juntos, MDB, PDT e PT realizaram a festa-comício pelas Diretas, em 27 de novembro de 1983, no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, à qual compareceram 15 mil brasileiros. Nesta data, Deputado José Roberto Arruda, Presidente Michel Temer, do PMDB, morria o Senador Teotônio Vilela, o “porta-voz das Diretas” e um dos mais apaixonados pelo movimento.

Outros comícios no País atraíram número cada vez maior de adeptos às Diretas, em Teresina, Cuiabá e Brasília. O Brasil se mobilizava. Comícios gigantes, na reta final da campanha, foram realizados no Rio de Janeiro, em 10 de abril, e em São Paulo, em 16 de abril de 1984. No Rio de Janeiro, cerca de 300 mil pessoas se concentraram na Praça da Candelária. Em São Paulo, os organizadores contabilizaram 1 milhão de brasileiros no Vale do Anhangabaú. Nos palanques, ao lado dos políticos, os artistas eletrizavam as multidões. Osmar Santos, o locutor das Diretas, dizia: *“Estamos chacoalhando o Brasil. Aqui estão as esperanças de 130*



milhões de brasileiros". Na época, éramos 130 milhões, Osmar. Hoje somos 180 milhões de brasileiros.

Sr. Presidente João Paulo Cunha, com muito orgulho destaque que foi de Cuiabá, do campo do Ourique, da antiga Avenida Coxim, da Rua Isaac Povas, que o Brasil recebeu o filho que foi o autor da Emenda das Diretas-Já. Foi do centro geodésico da América do Sul, da terra de Marechal Rondon, de D. Aquino, do guaraná de ralar, do lambadão, do rasqueado, do pacu, da piraputanga, do Pantanal, de Mato Grosso que saiu essa contribuição ao maior movimento cívico da história nacional.

Não foi o processo de Independência do Brasil que mobilizou tantas pessoas, nem a Proclamação da República. Jamais o Brasil assistiu a um movimento como esse.

Ao encerrar, quero lembrar ao meu conterrâneo Dante de Oliveira, Prefeito de Cuiabá, autor da emenda que foi derrotada, uma frase marcante proferida pelo Dr. Ulysses Guimarães, após o painel anunciar a derrota da votação. A Pátria em choro; a população, de madrugada, aguardando a votação; os veículos de comunicação transmitindo ao vivo; o Brasil inteiro acreditando que havíamos sensibilizado o Congresso Nacional para que dois terços de seus membros votassem a favor do que o povo queria, diz o Dr. Ulysses a seguinte frase, com a qual encerro meu pronunciamento: *"A Pátria é o povo, e o povo vencerá. Pode ser hoje, pode ser amanhã, mas é inevitável. E não demora"*.

Obrigado.

Parabéns, Brasil! (*Palmas.*)



O SR. PRESIDENTE (João Paulo Cunha) - Concedo a palavra ao Deputado Chico Alencar, co-autor do requerimento.

O SR. CHICO ALENCAR (PT-RJ. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, colegas da Mesa, cidadãos e cidadãos presentes ao plenário, peço licença aos colegas Parlamentares, a todos os mais idosos — porém, sempre jovens — para dirigir-me especialmente à grande maioria que aqui está, aos mais de 90% dos presentes que, conforme lembrou o Deputado Wilson Santos, não eram nascidos em 1984, naquele momento tão importante.

Disse-me o Presidente João Paulo Cunha que sua filha Juliana telefonou-lhe ontem — S.Exa. se encontrava em São Paulo — e perguntou: *“Pai, o que foi exatamente isso, Diretas-Já? Por quê? Como?”* Encheu o pai de perguntas. E S.Exa., como não teve tempo de responder a tudo, designou-me, professor que sou e Deputado que estou, para tentar cumprir essa pequena tarefa.

Para nós, os coroas, aquele momento foi muito importante. Vivíamos estrangulados e sufocados. Imaginem se Chico Buarque de Holanda — vocês já ouviram falar dele —, que estava no comício, fizesse uma música e a oferecesse a Fafá de Belém, para que a gravasse. A música poderia ser censurada e não tocar nas rádios, o que é um perfeito absurdo para nós hoje. Imaginem se José Celso Martinez ou Bertold Brecht, que não mais é vivo, a quem de vez em quando a Polícia brasileira procurava para prender — ele era alemão —, fizesse uma peça de teatro. Ela podia não ser encenada porque a censura proibia.

As pessoas não tinham o direito elementar de eleger os governantes, e mesmo Deputados ou Senadores eleitos podiam ser cassados se fossem ao microfone, como



ocorreu com o jornalista e então Deputado Márcio Moreira Alves, para falar algo de que os generais que nos governavam, os donos do País, não gostassem.

Havia uma luta contra a ditadura no Brasil. É como se um professor, em sala de aula, não deixasse o aluno fazer perguntas nem eleger representante de turma; ou como se a direção de uma escola impedisse a existência de um grêmio estudantil. Era um tempo de trevas.

Felizmente, houve um processo muito bonito que culminou na campanha Diretas-Já. No Rio de Janeiro, enchemos a boca para proclamar as Diretas; mostramos cartazes. Na Candelária, na Avenida Presidente Vargas, havia 600 mil, 800 mil, 1 milhão de pessoas. São Paulo, para não ficar atrás, reuniu, em 1984, 1 milhão e 200 mil, 1 milhão e 500 mil, 1 milhão e 700 mil pessoas; os organizadores sempre exageraram no número. Realizaram comício no Vale do Anhangabaú e pediram a Osmar Santos, com sua verve corintiana e brasileira, que dissesse: *“Diretas quando, moçada? Já! Já!”*. Era o clamor pela democracia resumido em duas pequenas palavras.

A época do Imperador havia acabado há muito tempo, e República não combinava com ditadura. O movimento começou miúdo, em Goiânia, aqui perto — Domingos Leonelli lembra esse fato no livro que escreveu junto com o grande Dante de Oliveira. Houve um comício com 8 mil pessoas, em junho de 1983. Ir à rua, reunir gente, era proeza. Era preciso se certificar se havia agentes da ditadura infiltrados.

Na Candelária, nesse dia — e eu era do movimento de associações de bairro —, num prédio que reservamos para dar apoio aos convidados que vinham de outros Estados, detectamos 3 incêndios em 3 andares diferentes, felizmente a tempo. Eram incêndios que visavam boicotar o movimento e criar pânico no povo. O momento era



difícil, e essa era a beleza da mobilização. Perdemos aqui no plenário, mas fomos vitoriosos nas praças e nas ruas.

O que esse movimento trouxe de novo para a história do Brasil foram as eleições diretas para Presidente da República, hoje algo tão óbvio. Muitos dos que aqui estão talvez estejam pensando em tirar o título para votar para Prefeito e Vereador daqui a 6 meses. Tudo isso foi uma conquista.

Valeu o sacrifício, a dor e a vida de muita gente. Perdi 7 amigos com os quais convivia, tomava café no botequim, ia a festas e dançava. Todos foram mortos pela ditadura. Eles queriam o povo nas praças; queriam democracia e eleição direta. Isso começou em 1982. E vale para todos os que aqui estão; suponho que não haja nenhuma exceção. Votamos pela primeira vez para Governador. Aqui em Brasília não houve eleições, pois a ditadura havia castrado o nosso direito de eleger os Prefeitos das Capitais, o que só conseguimos em 1985. Aqueles que eram contrários à ditadura, em muitos Estados, escolheram um candidato para dizer “não” a ela.

Mais bonito e raro na campanha das Diretas-Já foi o fato de ela ter promovido alguns encontros muito preciosos na nossa história: o encontro das praças com os palácios, o que não é muito comum. Quem é governante, quem veste ternos como este, mesmo nós, Parlamentares, às vezes ficamos meio metidos a besta, achando que somos muito importantes porque o escudo na lapela abre portas e recebe favores com muita facilidade. Há um distanciamento secular no Brasil entre quem governa, quem exerce autoridade, e o povo. Então, houve o bonito encontro das praças com os palácios, sendo que estes vinham ao nosso encontro. Em São Paulo, o Governador eleito pelo PMDB na época era Franco Montoro, democrata que posteriormente se tornou um dos principais Líderes do PSDB. No Rio de Janeiro, o Governador era



Leonel Brizola, do PDT; e em Minas Gerais, Tancredo Neves, do PMDB. Ora, os Governadores destes 3 Estados — se não me engano, em Goiás era Íris Rezende; não eram muitos os Governadores de Oposição — promoveram esse encontro dos palácios com as praças e dele participaram.

Outro elemento singular foi a presença e o encontro dos artistas — e Fafá os simboliza muito bem — com o povo. Lembro-me de que Milton Nascimento, juntamente com seu parceiro e irmão Wagner Tiso, cantava não apenas *Coração de Estudante*, mas também outra música que dizia: “(...) *todo artista tem de ir aonde o povo está/ se foi assim, assim será (...)*”. E todos cantavam juntos. É preciso fazer política com arte. É preciso mostrar que política não é o reino da esperteza, da malandragem, mas também da poesia e da verdade. *(Palmas.)* Daí esse encontro bonito.

Tenho o privilégio de manter amizades no meio artístico. No último sábado foi realizada uma partida de futebol entre os times Polyteama, time de Chico Buarque, e Os Miseráveis, meu time, mais uma vez goleado — que não tem esse nome porque estamos morrendo de fome; não chegamos a tanto. *(Risos)* O Polyteama sempre ganha; o juiz o favorece aqui e ali. De qualquer forma, no intervalo do jogo, perguntei a Chico como é aquela música chamada *Pelas Tabelas*. Ele respondeu: “*Não cantei aquela música nos comícios; nós cantávamos Vai Levando*”.

Chico Buarque não fica muito à vontade diante de um microfone, como outras pessoas, em geral os Parlamentares. Mesmo em um palco, até hoje ele tem certa preocupação para que tudo dê certo. Ainda fica aflito quando tem de se expor ao grande público. Ele disse: “*Os comícios eram um encontro tão bonito que inventávamos versos para aquela música Vai Levando, que cantávamos com*



freqüência: ‘(...)mesmo com tanto degredo, com Figueiredo/ com tanto medo/ a gente vai levando (...)’. E a gente foi levando o movimento das Diretas. Imaginem que num palco, em um comício multitudinário, os artistas criavam e inventavam, como fez Fafá de Belém na interpretação antológica e magistral do *Hino Nacional*, conforme destacou o Deputado Wilson Santos.

O *Hino Nacional* nem era mais nosso. A ditadura propagava os símbolos nacionais como propriedade dela, e boa parte da nossa geração olhava atravessado. Empunhar a bandeira era apoiar a ditadura; cantar o *Hino Nacional* era coisa da ditadura. Até os gols de Pelé e Jairzinho, na Copa de 1970, tornaram-se propriedade de Médici, o ditador mais cruel e sangüinário que conhecemos.

Porém, resgatamos na rua os símbolos nacionais. O *Hino Nacional* passou a ser nosso e começamos a nos emocionar, até a chorar, ao ouvir Fafá de Belém cantá-lo. (*Palmas.*)

Isso é muito bonito, raro e singular.

Certa vez, Chico Buarque me disse: “*Aquela campanha me inspirou a fazer a música Pelas Tabelas*”.

O Deputado João Paulo Cunha me pediu para explicar o movimento e atuei como professor. Uma aula tem 40 minutos. Que absurdo! Prometo fazer uma microaula. Já passei do meu tempo, mas logo concluirei. Peço desculpas, mas o tema mexe muito conosco, sobretudo com quem o viveu intensamente há 20 anos.

Como o tempo passa, como a vida é breve, mas marcada por momentos inesquecíveis.

A análise do “sociólogo” Chico Buarque de Holanda sobre aquele momento está no magistral samba *Pelas Tabelas*, que diz o seguinte:



*“Ando com minha cabeça já pelas tabelas
Claro que ninguém se toca com minha aflição
Quando vi todo mundo na rua de blusa amarela
Eu achei que era ela puxando um cordão
Oito horas e danço de blusa amarela
Minha cabeça talvez faça as pazes assim
Quando ouvi a cidade de noite batendo as panelas
Eu pensei que era ela voltando pra
Minha cabeça de noite batendo panelas
Provavelmente não deixa a cidade dormir
Quando vi um bocado de gente descendo as favelas
Eu achei que era o povo que vinha pedir
A cabeça de um homem que olhava as favelas
Minha cabeça rolando no Maracanã”*

A gente ligava a euforia do futebol à do movimento. (*Palmas.*)

É claro que a grande música que encantava e empolgava era uma dica direta para os ditadores do poder.

*“Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Você vai se dar mal
Etc. e tal”.*

Enfim, juntávamos algo raro e necessário na política até hoje, a música popular, com a luta social.



Quando os republicanos perderam a guerra civil na Espanha, nos idos de 1930 — a maioria dos presentes não tinha nascido —, um deles, subindo as montanhas em direção à França, em fuga, comentou: *“Perdemos a luta, perdemos o país”*. E outro respondeu: *“Em compensação, nossas músicas são muito mais bonitas do que as deles”*.

Conseguimos, naquele momento, embelezar o ideal político com a arte do nosso povo e da nossa seiva.

Sr. Presidente, lembro que às vezes a aparente derrota é uma vitória. Aqui neste mesmo plenário — e em breve vocês vão ouvir Deputados que votaram naquele dia a favor das Diretas; é uma surpresa muito boa; os outros 2 são proponentes desta sessão — perdemos por 22 votos. A maioria se escafedeu, para evitar dizer “não” às Diretas, para evitar dizer “não” ao clamor das ruas.

No entanto, aquela derrota que levou muita gente às lágrimas, na verdade, foi uma vitória, porque depois de 1 ano, em uma transição um tanto quanto negociada, Tancredo Neves foi eleito indiretamente, embora quiséssemos eleições diretas. E depois de um interregno de 4 anos, em 1985, ainda queríamos as eleições diretas, que só ocorreram em 1989, quando democraticamente venceu Fernando Collor.

Foi outro momento bonito e forte. O povo votou na renovação, ainda que o pântano enganoso das bocas muitas vezes confunda o eleitorado. Foi uma vitória bonita e vitória importante.

Moçada, estamos no início do século XXI. Segundo pesquisa recente da ONU — aliás, muito preocupante —, 56,3% do povo da América Latina, inclusive do Brasil, preferem o desenvolvimento econômico à democracia. Isso é grave.



Por isso, Osmar Santos, permito-me usar suas palavras, porque você nos comoveu, empolgou, fez com que a multidão, com o mesmo afã que gritava “gol” — de preferência do Flamengo —, dissesse “*Diretas-Já!*”, como bem lembrou o Deputado João Paulo Cunha no início desta sessão. Temos de continuar esta luta.

Encerrarei fazendo uma indagação e pedindo resposta a todos, como se fosse — desculpem-me a pretensão — um Osmar Santos menor: Justiça social quando, pessoal? “*Já!*” Solidariedade e soberania nacional quando, pessoal? “*Já!*”

Vida sempre, consciência política permanentemente!

Aprendamos com a lição da história. (*Palmas.*)



O SR. PRESIDENTE (João Paulo Cunha) - Concedo a palavra ao Deputado Eduardo Paes e convido o Deputado Chico Alencar para assumir a Presidência dos trabalhos.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB-RJ. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente João Paulo Cunha, depois da exposição do Deputado Chico Alencar, como não sei cantar, talvez me reste dançar. Infelizmente, também não tenho habilidade para dançarino.

Portanto, tecerei breves considerações sobre a importante cerimônia que estamos realizando nesta Casa.

Saúdo o Presidente João Paulo; os Deputados Chico Alencar e Wilson Santos, co-autores desta sessão de homenagem aos 20 anos do movimento Diretas-Já; os sempre Deputados Dante de Oliveira e Domingos Leonelli; Osmar Santos e Fafá de Belém.

Depois da bela aula de História do Deputado Chico Alencar e da explicação do Deputado Wilson Santos, ficou clara a importância das Diretas-Já. Em virtude disso, darei rápido depoimento pessoal do que significou esse movimento na minha vida.

Aos 14 anos de idade, portanto, há 20 anos — mais ou menos a idade desta turma que se encontra neste plenário —, o movimento Diretas-Já estimulou-me e, pela primeira vez, chamou minha atenção para a política. Eu era estudante, morava no Jardim Botânico e estudava inglês no Leblon.

No dia daquele comício no Rio de Janeiro, pedi aos meus pais para me levarem para assistir a ele. Acompanhava pelos jornais e televisão a luta de todas as pessoas que hoje estão nesta Mesa. Por isso, é uma honra estar ao lado dessas personalidades.



Fiquei estimulado por aquele movimento. Aprendi a conhecer um pouco o que era política e para que servia a incrível palavra democracia que até então para mim era mistério, assim como a participação popular e a liberdade da população para escolher seus representantes o eram.

Nesse dia, em vez de pegar o ônibus da linha 558 e ir ao curso de inglês no Leblon, peguei a 409. Enganei meus pais, pois eles não eram muito politizados e não participavam desses movimentos. Lembro-me que fui sozinho ao centro da cidade, no meio daquela multidão. Não cheguei nem perto do palanque onde estavam estas figuras da Mesa.

Não acompanhei o comício inteiro, apenas seu início, mas pude, no meio da multidão, por breve espaço de tempo — isso porque tinha de ligar para minha mãe e dizer que estava na aula de inglês, que demorava no máximo 1 hora — apreciá-lo. Como minha casa era longe da aula de inglês, entre a ida e a vinda e a duração da aula, gastava 3 horas. O primeiro ato político a que tive oportunidade de assistir na minha vida durou pouco tempo.

Foi por esse motivo, Governador Dante de Oliveira e Deputado Domingos Leonelli, que me lembrei que estaríamos este ano comemorando os 20 anos das Diretas-Já. Portanto, junto com os Deputados Chico Alencar e Wilson Santos, requeremos a realização desta sessão solene.

Os Deputados Chico Alencar e Wilson Santos mostraram bem como esse movimento foi marcante na história brasileira. Há, contudo, algo absolutamente fundamental: a convocação à responsabilidade de todos nós, Parlamentares, que estamos com direito a microfone e tribuna, sendo ouvidos, para destacar a importância das nossas atitudes, de cada decisão que tomamos, de cada voto que



damos nesta Casa e como somos referências para aquela quantidade enorme de jovens, das mais variadas idades, que podem ou não se interessar pela política a partir das nossas atitudes.

As pessoas que aqui estão inspiraram minha entrada e participação na política — para alegria de alguns e para a tristeza de tantos outros — e, acima de tudo, serviram de exemplo para uma geração de jovens que hoje têm a possibilidade de exercer as mais diferentes funções neste Parlamento ou no Poder Executivo.

Falo claramente para vocês, jovens, que estão nos ouvindo neste momento: não existe nada melhor do que a democracia representativa. Com ela podemos escolher nossos representantes por determinado período de tempo — e isso é o bom dessa história, depois há outra prova. O Prof. Chico Alencar de vez em quando aplica duras provas na política também. Os eleitores sempre estão testando o desempenho das pessoas que escolheram; se não cumprirem o que prometeram são reprovados. Não voltam à cena política.

Essa é a grande diferença do momento em que vocês vivem para aquele outro lá atrás, em que as pessoas que ainda começariam — como eu — a votar não teriam direito de escolher o seu Presidente da República.

Ouçó, com prazer, o Deputado Mauro Benevides.

O Sr. Mauro Benevides - Nobre Deputado Eduardo Paes, antes de mais nada, desejo regozijar-me com V.Exa., com os Deputado Chico Alencar, Wilson Santos, signatários do requerimento desta sessão solene. Visualizando na Mesa Osmar Santos, Domingos Leonelli, Fafá de Belém e o extraordinário homem público Dante de Oliveira, quero lembrar a todos, em especial a V.Exa., Deputado Eduardo Paes, que era bastante jovem à época, que, concomitantemente à Emenda das Diretas-Já,



sustentamos a bandeira da autonomia política das Capitais. Se não vimos triunfar as eleições diretas para Governador de Estado e Presidente da República, vimos triunfar as eleições diretas para Prefeitos das Capitais, em 1985, graças à conscientização que se originou no movimento das Diretas-Já. Osmar Santos é testemunha de nossa luta: eu, então Senador da República, e Dante de Oliveira, então Deputado Federal, juntos nos irmanamos em favor da tese eminentemente democrática que, infelizmente, se foi vitoriosa para as Capitais, não o foi para a Presidência da República. Era esse o registro histórico que tinha a fazer, destacando que aqui está, a meu lado, um que se elegeu, graças à Emenda Benevides, em 1985, Prefeito de Porto Alegre, o então futuro Governador Alceu Collares. (*Palmas.*)

O SR. EDUARDO PAES - Agradeço ao nobre Deputado Mauro Benevides o aparte.

Ouçó, com prazer, o nobre Deputado Luiz Carlos Hauly.

O Sr. Luiz Carlos Hauly - Nobre Deputado Eduardo Paes, ao tempo em que V.Exa. devia ter 14 anos, eu já tinha a idade que tem hoje V.Exa. e, então Prefeito, assisti à votação das Diretas-Já. Brasília fora cercada num raio de 300 quilômetros para evitar a chegada de manifestantes, mas o povo desta Capital e alguns como eu conseguimos furar a barreira. Esse foi um momento muito marcante, como foram marcantes o comício das Diretas realizado em Curitiba, no dia 12 de janeiro de 1984, e a eleição do Colégio Eleitoral que elegeu Tancredo Neves. Meus parabéns a V.Exa. e aos demais autores pela iniciativa desta homenagem. Minhas homenagens a Dante de Oliveira, autor da emenda constitucional que, embora não aprovada, trouxe, a seguir, como disse Ulysses Guimarães, grandes ganhos para o Brasil. (*Palmas.*)



O SR. EDUARDO PAES - Agradeço ao nobre Deputado Luiz Carlos Hauly o aparte.

Para concluir, Sr. Presidente, quero registrar meu agradecimento aos que compõem esta Mesa e que representam tantos homens e tantas mulheres. Eles conseguem representar bem aquela luta que foi o movimento Diretas-Já. Gostaria de agradecer-lhes por me permitirem estar aqui como Deputado em pleno exercício da democracia e, o mais importante, fazendo valer a troca, a oxigenação, o câmbio constante. Tenho certeza de que o movimento que os senhores lideraram certamente vai permitir que muitos dos jovens que hoje nos assistem estejam amanhã nesta Casa representando muito bem o País.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

Durante o discurso do Sr. Eduardo Paes, o Sr. João Paulo Cunha, Presidente, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Chico Alencar, § 2º do art. 18 do Regimento Interno.



O SR. PRESIDENTE (Chico Alencar) - Concedo a palavra ao nosso Líder Arlindo Chinaglia, pelo Partido dos Trabalhadores.

Informo ao Plenário que, de acordo com o Regimento da Casa, o autor do requerimento dispõe de 10 minutos, embora alguns se excedam — e está aqui um exemplo vivo. Os representantes de partido têm 7 minutos.

O SR. ARLINDO CHINAGLIA (PT-SP. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, em primeiro lugar, quero cumprimentar os proponentes desta sessão solene, Deputados Chico Alencar, que ora preside esta sessão, Eduardo Paes e Wanderval Santos.

Gostaria de iniciar esta homenagem lembrando outra homenagem que fizemos. Em abril de 1984, quando tomei posse como presidente do Sindicato dos Médicos em São Paulo, homenageamos Osmar Santos, locutor das Diretas-Já; Ulysses Guimarães; o jogador Sócrates, que implantou a democracia no Corinthians; e Lula. Fazendo uma recuperação histórica dos fatos, lembro que naquele momento todos estávamos engajados na luta pela redemocratização do Brasil, ou quase todos.

Quero cumprimentar os jovens presentes a esta sessão e dizer-lhes que não podemos raciocinar como se tivéssemos um longo passado pela frente.

Sr. Presidente, comemoramos hoje os 20 anos de luta pelas eleições diretas — e rendo homenagem especial ao Deputado Dante de Oliveira, autor da emenda das Diretas-Já. É a hora de refletirmos sobre o papel das instituições, que em alguns momentos trabalham em sintonia com o povo, mas em outros, traem as aspirações populares.

É verdade que a maioria dos Deputados Federais votou a favor da emenda das diretas. Duzentos e noventa e cinco votaram a favor, e destes, 8 eram do PT, os quais



homenageio lendo os seus nomes: Airton Soares; José Eudes; Beth Mendes; Irma Passoni; José Genoíno, hoje Presidente Nacional do PT; Luiz Dulci, hoje Ministro do Governo Lula; Djalma Bonn, metalúrgico; e Eduardo Suplicy, hoje Senador. Toda a bancada do PT votou a favor. Sessenta e cinco Deputados votaram contra, e 113 não tiveram coragem de vir ao plenário; ausentaram-se. Faltaram 22 votos apenas para a aprovação da emenda.

O que o povo brasileiro já sabia? Que a derrota no Parlamento não ia segurar um movimento que era irrefreável. Havia militares contra, mas também havia militares a favor. A maioria do PDS — que depois virou ARENA — era contra, mas o Governador do PDS do Ceará, Gonzaga Mota, hoje Deputado Federal, colocou-se a favor; o General Andrada Serpa, dentre outros, também manifestou-se a favor. Portanto, o movimento pelas Diretas-Já tinha a mais profunda raiz popular e nacional. Mas, na minha opinião, ele também fazia eco com lutas de outros povos. Não podemos deixar de fazer referência à Revolução dos Cravos, de 25 de abril de 1974, em Portugal, quando as Forças Armadas portuguesas derrotaram o ditador da época, defendendo a liberdade das colônias. Ou seja, o mundo sempre lutou pela democracia.

Queremos homenagear não apenas os Deputados que votaram a favor, mas também os Parlamentares cassados durante a ditadura militar. Queremos homenagear os milhões de homens e mulheres, jovens, idosos, anônimos, porque foram esses que de fato decidiram pelas Diretas-Já.

O Parlamento, na figura do Deputado Dante Oliveira, teve a sensibilidade de fazer a proposta de emenda constitucional. O PT — orgulhamo-nos disto —, sem reivindicar para si o protagonismo exclusivo de outros partidos, especialmente do



PMDB, recebendo o apoio de outros partidos, convocou o primeiro comício pelas Diretas-Já, no Pacaembu, que foi uma verdadeira festa. Isso ocorreu em 27 de novembro de 1983. Antes o PMDB tinha lançado oficialmente, em Goiânia, a Campanha pelas Diretas.

Hoje estamos nesta sessão solene de homenagem às Diretas-Já. Cabe lembrar que uma parte da imprensa ficou a favor das diretas, mas é forçoso dizer que praticamente todos os donos dos órgãos de comunicação de massa foram a favor do golpe militar. O registro é histórico, e exatamente porque perceberam o tanto que tinham errado. Fazemos ressalvas aos jornalistas; estamos falando dos donos das empresas, daqueles que, por vezes, até lucram com o golpe.

A luta do povo brasileiro pela democracia ficará indelevelmente na nossa história, e essa luta se repetiu posteriormente na campanha Fora Collor, porque o povo brasileiro, além de lutar diariamente pela sobrevivência e por uma vida digna, sempre entendeu os momentos decisivos de nossa história, organizou e criou condições para a eclosão de grandes movimentos.

Ouçó, com prazer, o Deputado Nelson Pellegrino, ex-Líder de nossa bancada.

O Sr. Nelson Pellegrino - Sr. Presidente, quero parabenizar a Câmara dos Deputados e os Deputados Wilson Santos e Chico Alencar pela iniciativa de homenagear campanha tão importante para o Brasil. Saúdo o ex-Governador e ex-Deputado Dante de Oliveira, a cantora Fafá de Belém, o locutor Osmar Santos e todos os presentes. A campanha das Diretas-Já marcou todos nós. À época, eu era diretor da União Nacional dos Estudantes. No congresso de 1983, a UNE já definia como prioridade para o ano de 1984 a Campanha das Diretas-Já. Participei também daquele comício histórico no Pacaembu, como diretor da UNE, o primeiro comício das



diretas, embora muitos não acreditassem naquela campanha. Participei de momentos importantes no QG do Comitê, na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, com o saudoso Ulysses Guimarães, Teotônio Vilela e muitos outros do PT, do PMDB e de todos os partidos que naquele momento construía o movimento. Participei do primeiro comício na Praça da Sé e do comício no Anhangabaú. A UNE viveu intensamente toda essa campanha. Lembro-me da alegria, da emoção e da energia de Osmar Santos ao animar os comícios. A Campanha das Diretas-Já foi muito importante na História do Brasil. Naquele momento, foi a bandeira que sintetizou a luta contra o regime militar e pela redemocratização do País, a luta para alargar e estourar os limites do processo de transição da ditadura militar. Trata-se de uma luta que deixou acúmulos e saldos positivos. É muito importante resgatarmos a história como ela realmente aconteceu. Não temos de disputar a autoria das Diretas-Já — todos sabemos que a emenda foi de autoria do Deputado Dante de Oliveira —, não há o que contestar. Todos participamos, o PT deu contribuição importante, o PMDB e diversas personalidades, mas foi o povo brasileiro que considerou as Diretas-Já a luta pela democratização do País. Parabenizo V.Exa., Deputado Arlindo Chinaglia, que fala em nome de nossa bancada. Eu, na qualidade de ex-diretor da UNE e participante daquele momento histórico, não poderia deixar de expressar minha satisfação e alegria pelo fato de a Câmara dos Deputados abrir suas portas para comemorar campanha tão importante para o Brasil.

O SR. ARLINDO CHINAGLIA- Agradeço ao Deputado Nelson Pellegrino e incorporo o seu aparte ao meu pronunciamento.

Ouçõ, com prazer, o Deputado Ivan Valente, com a permissão do nobre Presidente.



O Sr. Ivan Valente - Deputado Arlindo Chinaglia, cumprimento V.Exa. pelo pronunciamento. Cumprimento também a Mesa, o Deputado Chico Alencar e os demais Deputados que propuseram a realização desta sessão solene em homenagem a momento histórico do Brasil. A Campanha das Diretas-Já foi o canal por onde se drenou a insatisfação de mais de 20 anos de ditadura militar. Era o momento em que as lutas populares cresciam no Brasil: a anistia, lutas no ABC, mobilizações sociais pelo Brasil inteiro. Continuávamos numa ditadura militar que demoraria pelo menos mais 6 ou 7 anos a partir da detonação de movimentos sociais de massa e de rua na sociedade brasileira. Foi importante a emenda do então Deputado Dante de Oliveira, porque ela foi o grande gancho da mobilização social, mas o movimento estava nas ruas. A partir disso, a luta contra a ditadura militar e pela democracia foi o marco histórico da vida política brasileira, porque foi o maior movimento cívico que o Brasil já viveu em termos de participação social, popular e de determinação em torno de uma causa: a democracia, a luta contra a ditadura. Mas continuava o sentimento de mudança. Lembro, Deputado Arlindo Chinaglia, da resistência não só dos militares — havia repressão, prisão, intimidação —, mas também dos meios de comunicação de massa. Os primeiros comícios das Diretas-Já, realizados no Pacaembu, em São Paulo, em Curitiba e em tantos outros Estados, reuniram mais de 300 mil pessoas, e posteriormente, mais de 2 milhões de pessoas em algumas cidades. Mas esses comícios não eram transmitidos pela tevê, particularmente pela grande emissora *TV Globo*. É preciso fazer autocríticas históricas, pois está mais do que provado, com o movimento das diretas, que quando o povo sai às ruas as mudanças são inexoráveis. E as grandes mudanças que o Brasil anseia ainda precisam ser feitas, mas só o serão com movimentos sociais populares.



Não basta eleger governantes, é preciso lutar pela plataforma de reformas tão desejadas pelo País, para termos liberdade e igualdade social. (*Palmas.*)

O SR. ARLINDO CHINAGLIA - Agradeço ao Deputado Ivan Valente o aparte.

Concluo, Sr. Presidente, com uma referência ao papel das instituições. Desejo homenagear as Igrejas, aqueles que se posicionaram a favor, na figura de D. Paulo Evaristo Arns. Talvez estejamos sendo injustos por mencionar apenas alguns nomes, mas o tempo é curto.

O fato é que quando o então Deputado Dante de Oliveira apresentou sua emenda, nenhum órgão da imprensa, falada, televisionada e escrita, deu o merecido destaque àquela emenda. Temos, evidentemente, gravado na memória os que viveram aqueles momentos. Nossa obrigação agora é aprender que a democracia é um valor universal, constrói-se muitas vezes tencionando as instituições de fora para dentro. E nós, Deputados do PT, dentro dessa dimensão, sabemos que o protagonista principal é o povo brasileiro. Se agirmos bem, jamais o substituiremos.

Obrigado, Sr. Presidente. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Chico Alencar) - Muito obrigado, Deputado Arlindo Chinaglia, Líder do PT.



O SR. PRESIDENTE (Chico Alencar) - Convido o Deputado Wilson Santos, autor do requerimento desta sessão solene, a voltar a presidir os trabalhos.

Enquanto S.Exa. se dirige à Mesa, informo que hoje, às 18h30min, no Salão Verde, haverá o lançamento do livro dos ex-Deputados Domingos Leonelli e Dante de Oliveira, intitulado *Diretas-Já: 15 Meses que Abalaram a Ditadura*, que pereniza tudo o que estamos falando.

O Sr. Chico Alencar, § 2º do art. 18 do Regimento Interno, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Wilson Santos, § 2º do art. 18 do Regimento Interno.



O SR. PRESIDENTE (Wilson Santos) - Dando seqüência a esta sessão solene, a Mesa tem o prazer de convidar o Presidente Nacional do PMDB e ex-Presidente desta Casa, Deputado Michel Temer, para falar em nome da gloriosa e histórica legenda do PMDB.

O SR. MICHEL TEMER (PMDB-SP. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Deputado Wilson Santos, prezado amigo Osmar Santos, amigos Domingos Leonelli, Dante de Oliveira e Fafá de Belém, minhas senhoras, meus senhores, vou me expressar em nome do PMDB, talvez sob outro foco.

Estava observando o andamento desta reunião e percebi que os vários oradores que revelaram o movimento pelas eleições diretas reportaram-se aos diversos comícios muito bem-sucedidos, sempre pautados pela interessante idéia encabeçada por Dante de Oliveira, quando propôs a emenda pelas eleições diretas. Mais do que um movimento, foi um sentimento nacional.

Àquela época, ocupava 2 posições: uma, como Procurador-Geral do Estado, quando se deu o comício da Praça da Sé; e outra, como Secretário de Segurança Pública, quando se deu o comício do Anhangabaú.

Na classe jurídica havia grande ansiedade pela estabilidade da ordem jurídica, e quando Secretário de Segurança Pública obtive um dado extraordinário: a criminalidade em São Paulo diminuiu naquele período, quando todos se mobilizavam pelo sentimento de recuperação democrática do País. E de onde vinha esse sentimento? Vinha das vozes caladas pela ditadura, dos perseguidos pela ditadura, dos cassados pela ditadura, dos que não tinham oportunidade do livre acesso aos meios de comunicação, dos que eram retirados à força de suas casas, muitas vezes de madrugada.



Mais do que um movimento, portanto, para mim era um sentimento nacional. E quem melhor captou, não sei se tem consciência disso, esse sentimento popular que vinha da *anima*, da alma — não era um sentimento apenas racional — foi Fafá de Belém, quando conseguiu dar versos e sonoridade ao *Hino Nacional*, que, convenhamos, é patriótico, marcial, transformando-o numa poesia, aplaudida no dia de hoje, mas entusiasticamente aplaudida em todos os comícios pelas Diretas-Já. *(Palmas.)*

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, falar em Diretas-Já é falar em Ulysses Guimarães; falar em Ulysses Guimarães é falar no MDB e em seu sucessor, o PMDB.

A comemoração dos 20 anos do maior movimento de massas da história do País traz de volta para nós, peemedebistas, o sentimento pela perda do grande comandante, mas propicia, ao mesmo tempo, a alegria de ver seu grande objetivo concretizado. Muitos outros líderes de primeira grandeza estiveram na linha de frente da grande mobilização que empolgou o País em 1984 — O PMDB abrigava, à época, muitos companheiros que lutavam por causas extraordinárias, como V.Exa. — e todos merecem esta homenagem. Porém, nenhum, como Ulysses, sintetizou tão bem a aspiração popular e o sentido de união nacional daquela campanha, tanto que a partir daí ele ficaria conhecido como Senhor Diretas.

Para Ulysses, na verdade, a luta por eleições livres era questão bem mais antiga.

Em 1974, tomando do poeta a certeza de que “*navegar era preciso*” e lançando-se no mar revolto do enfrentamento com o regime ditatorial, ele já afirmava, como anticandidato à Presidência da República, a necessidade do “*escrutínio direto*,



universal e secreto, em que a alternatividade de partidos é a regra, como ocorre nos países civilizados”.

Em 1976, protestando em nota oficial contra a cassação de mandatos de Deputados, defendia o voto como *“único instrumento válido nas democracias para a condenação popular das injustiças, dos ultrajes à dignidade humana, da corrupção e da incompetência”.*

Em 1978, enfrentando o cerco de policiais com seus cães em praça pública na Bahia, desprezava a ameaça garantindo que *“baioneta não é voto e cachorro não é urna”.* E já demonstrava sua compreensão de que a luta pelas eleições diretas iria além do MDB, que ele sabiamente liderava. *“Mesmo que tenhamos divergências naturais”* — afirmava Ulysses — *“é preciso que nos unamos numa trincheira comum, pois há um inimigo comum, um adversário comum: são aqueles que se apropriaram do poder. Só com nossa união poderemos reconciliar esta Nação”.*

Portanto, jogar-se de corpo e alma na campanha suprapartidária pelas Diretas-Já, em 1984, foi para Ulysses um caminho natural. E este *“de corpo e alma”* aqui não é apenas uma expressão retórica, pois, aos 67 anos, ele incorporou a seu traje habitualmente discreto a camiseta com a inscrição *“Eu quero votar para Presidente”* e saiu a viajar pelo País. Fez 40 mil quilômetros nessa pregação, sem se queixar de cansaço, sem esmorecer, sem perder a crença na vitória final.

Como todos sabem, a emenda constitucional restabelecendo as eleições diretas não conseguiu votos suficientes para passar no Congresso; porém, nunca uma decisão legislativa teve resultado tão devastador para os supostos vencedores e tão estimulante para os aparentemente derrotados. O regime de arbítrio deu, a partir dali,



seus últimos estertores, e o povo brasileiro descobriu que, com mobilização e união, tinha muito mais força.

Ulysses Guimarães, grande favorito das eleições presidenciais se a emenda tivesse sido aprovada, viu escapar, naquele momento, seu sonho de presidir o Brasil. Mas, sempre animado, conduziu os anseios nacionais como Presidente da Assembléia Nacional Constituinte de 1988 e inscreveu seu nome como primeiro signatário da Constituição Cidadã, que consagraria o exercício da soberania popular por meio do sufrágio universal e pelo voto direto e secreto.

Vinte anos depois, com a visão serena dos fatos só permitida pela distância no tempo, percebemos que o movimento pelas diretas não apenas foi afinal vitorioso, como, apesar daquela episódica derrota legislativa, teve uma vitória grandiosa e duradoura. Praticamente pôs fim ao regime autoritário, e de tal forma que hoje no Brasil ninguém mais teria coragem de impedir o povo de votar — o sonho de Ulysses tornou-se realidade.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, é verdade que a emenda das diretas não conseguiu a aprovação do Congresso, mas a história revela que muitos movimentos que aparentavam derrotas se converteram em vitórias. O Cristianismo foi uma derrota no momento em que houve a crucificação de Cristo, mas se transformou em vitória em todo o mundo. As Diretas, como lembrou o Deputado Chico Alencar, derrota no primeiro momento, foi uma vitória depois, porque o que frutifica não são os movimentos, são as idéias corretas, e as Diretas constituíam-se numa idéia correta e, por isso, se transformaram em vitorioso movimento.

E digo mais, na condição de membro do PMDB, partido que fez todo o esforço pela prevalência das eleições diretas no País: os resultados das Diretas-Já não foram



imediatos, mas mediatos. Percebam que, a partir desse movimento, passamos a ter uma estabilidade institucional extraordinária.

Ao longo do tempo, desde a primeira República, o Brasil viveu momentos de autoritarismo e de democracia. Foi assim de 1891 a 1926, quando veio uma emenda centralizadora para o País; depois, de 1930 a 1945, tivemos o movimento autoritário; de 1946 a 1964, novamente a democracia; de 1964 a 1984, mais uma vez a ditadura; e, depois das diretas, mais do que a democracia, tivemos a estabilidade institucional do País. Estabilidade tão grande que permitiu que, em dado momento, se impedisse a continuação do mandato de um Presidente da República, sem trauma institucional. Assumiu o Vice-Presidente, e, por incrível que pareça, conseguiu cumprir seu mandato até o final, coisa que não era própria da história brasileira. Vieram eleições, e foi eleito e reeleito um Presidente. Finalmente, em eleições livres, foi eleito pela primeira vez um Presidente, que, mercê das suas condições pessoais, da sua luta ao longo do tempo, vindo lá debaixo, do meio operário, chegou à Presidência da República.

Portanto, Srs. Deputados Dante de Oliveira e Domingos Leonelli, mais do que o efeito imediato das Diretas tivemos o seu efeito mediato.

Hoje, mais do que nunca, sabemos que, sem embargo de dificuldades, de eventuais crises que o País atravessa, absolutamente ninguém fala em movimento de natureza autoritária; todos querem a prevalência da democracia.

Por isso, o PMDB, pela lembrança de Ulysses Guimarães, neste momento, saúda os Deputados Wilson Santos, Chico Alencar e Eduardo Paes pela oportunidade desta homenagem, além dos componentes da Mesa, que foram os maiores batalhadores pelas eleições diretas no País.

Meus cumprimentos a todos. (*Palmas.*)



O SR. PRESIDENTE (Wilson Santos) - A Presidência informa que, após o Deputado Roberto Arruda, do PFL, estão inscritos pela Liderança os Deputados Jackson Barreto, pelo PTB; Antonio Carlos Pannunzio, pelo PSDB; Carlos Mota, pelo PL; Roberto Freire, pelo PPS; Dr. Evilásio, pelo PSB; Alceu Collares, pelo PDT; e Daniel Almeida, pelo PCdoB.

Convido para dirigir os trabalhos a Deputada Federal Thelma de Oliveira, por Mato Grosso, esposa do ex-Governador Dante de Oliveira. Uma vez que, de acordo com o Regimento Interno da Casa, os homenageados não têm acesso à palavra, explicitamos a homenagem ao ex-Deputado e ex-Governador de Mato Grosso, Dante de Oliveira, passando a condução dos trabalhos à esposa de S.Exa.



O SR. PRESIDENTE (Wilson Santos) - Com a palavra o Deputado José Roberto Arruda, pelo PFL.

O SR. JOSÉ ROBERTO ARRUDA (PFL-DF. Sem revisão do orador.) - Sra. Deputada Thelma de Oliveira; Srs. Deputados Wilson Santos, Chico Alencar e Eduardo Paes, que tiveram a oportuna idéia de propor esta sessão; caro amigo Governador e ex-Deputado Dante de Oliveira, o que V.Exa. gostaria de dizer agora desta tribuna? Ouso imaginar que talvez valha uma pergunta a todos brasileiros, aos que viveram aquela época, aos que vieram antes de nós e nos legaram o sentimento de liberdade e a nova geração de brasileiros. Esta é a pergunta que deve ser feita neste instante: que idéia foi essa que conseguiu juntar no mesmo palanque, no mesmo movimento, Tancredo Neves e Ulysses Guimarães; Lula e Fernando Henrique; Mário Covas e Brizola; Miguel Arraes e Teotônio Vilela; Osmar Silva e Fafá de Belém; Chico Buarque e Franco Montoro; Israel Pinheiro Filho, Fernando Lyra, Domingos Leonelli, Dante de Oliveira e tantos outros, Parlamentares de diversos matizes ideológicos? Todos se juntaram em torno de uma mesma idéia.

Que idéia foi essa que juntou consciências e formações diferentes numa mesma esperança? Essa idéia, caro Dante de Oliveira, que o consagrou jovem ainda e levou seu nome para a história contemporânea do Brasil, às vezes, como prêmio e também como castigo, não foi, como muitos podem acreditar, a idéia das diretas. Foi muito maior: a idéia da liberdade e da plenitude democrática, traduzida na emenda das Diretas-Já.

A história do Brasil registra momentos em que tivemos grandes esperanças seguidas de grandes frustrações. Foi assim com a Inconfidência Mineira e com a morte de Tiradentes; foi assim com a Proclamação da República e com o desastre da



Primeira República, que vai até os anos 30; foi assim com a eleição e a Revolução de 1930, com a chegada de Getúlio Vargas ao poder e com a Constituição autoritária de 1937; foi assim com a esperança dos anos JK, com o desastre de Jânio Quadros e, posteriormente, com a Revolução de 1964.

O Brasil registra, caro Dante de Oliveira, nesses 504 anos de história, momentos importantes nos quais tivemos grandes esperanças seguidas de grandes frustrações. Todavia, o importante é que não estamos aqui reunidos comemorando a vitória da Emenda Dante de Oliveira. Comemoramos porque foi ela a semente que brotou no coração de toda uma geração de brasileiros e que permitiu, com a eleição indireta de Tancredo Neves, reacender a consciência coletiva dos brasileiros; foi ela que trouxe a Constituição de 1988; e, mais do que tudo, um período de convivência democrática e de liberdade, resultado da herança de sua emenda, por meio da qual construímos um novo país.

Repito a pergunta inicial: qual foi mesmo a idéia que fez Lula e Fernando Henrique pensarem igual, subirem no mesmo palanque, panfletarem as mesmas portas de fábricas? O que juntou Ulysses e Teotônio, Montoro, Tancredo e Covas? O que fez unir donas de casa, estudantes, empresários e sindicatos numa mesma idéia? A idéia que uniu toda uma geração de brasileiros, há apenas 20 anos, foi muito maior do que eleger o Presidente da República pelo voto direto, foi a idéia da democracia plena.

Meu caro Dante de Oliveira, sem querer diminuir a intensidade e a importância da festa, ousou dizer que o objetivo da sua emenda ainda não foi cumprido totalmente. Se é verdade que elegemos o Presidente da República pelo voto direto, se é verdade que vivemos um momento, há 20 anos, de liberdade plena, de democracia, se



aprendemos lições duras neste período, ousar dizer, repito, que não temos ainda a democracia plena.

Sr. Presidente, recente pesquisa de opinião feita pela ONU mostrou que quase metade da população brasileira aceitaria a idéia de um governo autoritário, desde que acompanhado de crescimento econômico e emprego. Por que isso? Porque não conseguimos ainda fazer nesta Casa a reforma política necessária para diminuir a força do poder econômico nas decisões políticas coletivas. Não fomos capazes, ainda, Sr. Presidente, de votar nesta Casa o fim do voto secreto, que permite a Deputados e Senadores, em determinadas matérias, votar escondido de seus eleitores. Não quero com isso desculpar-me de erro público que cometi e pelo qual paguei muito caro, mas desejo transformá-lo em contribuição efetiva ao aprimoramento da democracia. Estou certo de que nenhuma democracia será plena sem que antes todos os brasileiros, e não apenas alguns, tenham o direito de saber como votam seus Deputados e Senadores em todas as matérias.

Sr. Presidente, está não é apenas uma reflexão sobre a Emenda Dante de Oliveira, mas também sobre a democracia, que temos aprimorada sob a ótica do que tínhamos há 20 anos, mas que ainda deixa muito a desejar para os brasileiros.

Ao congratular-me com o ilustre Deputado Dante de Oliveira, faço aqui o lugar comum dos oradores que me antecederam. Não há grande idéia que, amalgamando o coração das pessoas, não se transforme em arte. Foi assim, por exemplo, com Guernica. Pablo Picasso imortalizou a guerra civil espanhola com o quadro Guernica. No Brasil, a emenda das Diretas será lembrada sempre pela voz e arte de Fafá de Belém.

Muito obrigado. (*Palmas.*)



A SRA. PRESIDENTA (Thelma de Oliveira) - Agradeço ao Deputado José Roberto Arruda, que falou pelo PFL, esse grande partido, assim como ao Deputado Israel Pinheiro, que, sendo do PDS, naquele momento, votou pelas Diretas e trouxe consigo mais de 50 Deputados naquela votação.

Durante o discurso do Sr. José Roberto Arruda, o Sr. Wilson Santos, 2º do art. 18 do Regimento Interno, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pela Sra. Thelma de Oliveira, § 2º do art. 18 do Regimento Interno.



A SRA. PRESIDENTA (Thelma de Oliveira) - Com muito orgulho e muita honra, concedo a palavra ao nobre Deputado Jackson Barreto, pela Liderança do PTB. S.Exa., junto com Dante de Oliveira e Domingos Leonelli e tantos outros Parlamentares, foi fundamental na organização e na mobilização de grandes comícios e de todos os eventos.

O SR. JACKSON BARRETO (PTB-SE. Sem revisão do orador.) - Deputada Thelma de Oliveira, ilustre Presidenta desta sessão de tantas emoções e lembranças; ilustres membros da Mesa; Domingos Leonelli, companheiro de tantas caminhadas na luta pela redemocratização deste País; bravo companheiro Dante de Oliveira, minhas homenagens. O Brasil jamais se esquecerá do seu nome e de como foi fundamental para nossa história a famosa emenda das Diretas-Já. Minha homenagem também a Fafá de Belém, a musa da campanha, que continuará sempre no coração dos que viveram a emoção daqueles dias difíceis.

A perspectiva de reconstrução da democracia neste País tomou um vulto e uma importância tão grande que nada conseguiu barrar a vontade do povo brasileiro em ver retomado seu caminho pela democracia.

Minha homenagem também ao Deputado Roberto Freire, personagem presente nesses momentos tão importantes da história do nosso País, que conosco participou daquela campanha, quando ambos éramos militantes clandestinos do Partido Comunista Brasileiro.

Homenageio também o Deputado Alberto Goldman, que participou daquele momento tão importante e que ainda hoje tem assento nesta Casa, assim como os Deputados Alceu Collares e Mauro Benevides. Talvez sejam poucos os Deputados da época que continuam neste Parlamento.



De forma especial, minha homenagem aos artistas da televisão brasileira, aos cantores e a este homem que o Brasil jamais esquecerá, com quem brincava chamando-o de “Comandante das Forças Desarmadas do nosso País”: Ulysses Guimarães.

Presto também homenagem ao Deputado Alceu Collares, figura proeminente daquele movimento.

Fazíamos parte da coordenação nacional do movimento Diretas-Já, sempre ao lado do Dante, do Leonelli, percorrendo este País e ajudando na organização e mobilização do nosso povo.

Ao lado de Alceu Collares fui também fruto daquele grito de liberdade em nosso País, porque fomos os primeiros Prefeitos de capital eleitos com a redemocratização do Brasil, eleição fortemente influenciada pela campanha das Diretas. Eu, Prefeito de Aracaju, com 71% dos votos; Alceu Collares, eleito com uma votação histórica, em Porto Alegre.

Enfim, minhas homenagens a todos.

Sabia que a emoção tomaria conta de nós nesta sessão, mas desejo registrar alguns dos momentos que hoje fazem parte da história do nosso País.

Sra. Presidenta, Sras. e Srs. Deputados, o movimento Diretas-Já precisa ser entendido como síntese de luta pela democratização do País, um brado que a Nação fez soar de Norte a Sul, proclamando que não queria mais a tutela militar no País.

Esse movimento representa, além de tudo, o amadurecimento do País na sua luta contra o autoritarismo e pela democracia. Note-se que o Brasil já havia vivenciado inúmeras experiências de combate ao regime, desde a obstinação pessoal de vários líderes que fizeram de sua vida um pilar de resistência, até a eclosão coletiva de



diversos movimentos violentos, mas necessários, como foram a guerrilha urbana e a resistência armada do Araguaia.

Após anos de lutas, depois de mobilizar um imenso contingente de pessoas de todas as idades, sobretudo a juventude, o povo brasileiro finalmente encontrou-se num movimento cívico, massivo, que resgatava a alma lutadora da Nação e se traduzia no anseio acalentado por cada brasileiro: eleições Diretas-Já!

É possível que historiadores e sociólogos identifiquem o início desse movimento, mas será muito difícil para qualquer estudioso dimensionar o alcance do que foi essa jornada para o País e para os cidadãos brasileiros. Porque as Diretas-Já não só representaram um levante pacífico e patriótico, antes foram um processo didático de democracia e cidadania. Todos aprendemos com as Diretas-Já, e a partir dela vimos nascer um novo ciclo de lutas populares no País.

Como todo movimento, as Diretas-Já contagiaram toda a Nação. Não houve um só recanto deste País onde seu nome não tenha sido formulado. Desde os grandes centros urbanos, até os mais recônditos aglomerados rurais, a Nação inteira incorporou esse desejo e fez força para que ele se concretizasse. Inspirava-nos naquele momento a emenda de Dante de Oliveira, a quem homenageamos, que devolveria ao nosso povo o direito de eleger seu Presidente.

Nesse longo processo que é o aprendizado democrático do País, as Diretas ficarão como o símbolo, o emblema do que o nosso povo é capaz de empreender. E é bom que seja assim, para que não nos esqueçamos da nossa capacidade de nos aglutinar e nos organizar; para que não esqueçamos jamais do poder de luta que temos como povo; para que não nos deixamos nunca parar ante os obstáculos.



Quem, como eu, ao lado de tantos companheiros, percorreu o País na Caravana das Diretas, sabe o que é isso. Sabe como é bonito ver o País inteiro movido por um sentimento de liberdade e de fraternidade, porque se as Diretas foram, do ponto de vista das massas, o movimento mais radical que nossa sociedade engendrou, foi também um movimento que se alicerçou num profundo amor ao País e que não trazia nenhum traço de revanchismo ou de ódio. Nós apenas queríamos retornar ao direito de elegermos nossos presidentes.

Por isso, as Diretas não tiveram e não têm dono; têm formuladores, têm figuras históricas. Nenhum partido deve arvorar-se ao patrocínio das Diretas. Ela foi a luta de um povo. Todos nós estivemos nela como protagonistas e coadjuvantes, como líderes e liderados, mas, acima de tudo, como brasileiros.

A luta pelas Diretas, sem dúvida alguma, muito contribuiu para a vitória de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, pois a mobilização oxigenou de democracia nosso País. E logo depois retornava à democracia.

Ao completar 20 anos, o movimento Diretas-Já continua sendo o grande farol das lutas populares do País; um farol que tem sua luminosidade espalhada por todas as instituições e que continua a iluminar os caminhos da democracia no Brasil.

Viva a luta do povo brasileiro!

Vivam os 20 anos das Diretas-Já!

Ao ex-Deputado Dante de Oliveira e ao companheiro Domingos Leonelli, nossas homenagens permanentes.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTA (Thelma de Oliveira) - Agradecemos ao Deputado Jackson Barreto a contribuição histórica ao movimento Diretas-Já e o discurso emocionado.



A SRA. PRESIDENTA (Thelma de Oliveira) - Antes de conceder a palavra ao representante do meu partido nesta sessão, Deputado Antonio Carlos Pannunzio, aproveito a oportunidade para pedir aos oradores que fiquem atentos ao tempo. Temos muitos inscritos e a sessão ordinária iniciar-se-á às 14h.



A SRA. PRESIDENTA (Thelma de Oliveira) - Concedo a palavra ao Deputado Antonio Carlos Pannunzio, que falará em nome do PSDB.

O SR. ANTONIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP. Sem revisão do orador.) - Sra. Presidenta, não me causa surpresa a esta hora que tenhamos que ser expeditos. É o que tentarei ser, caríssima Presidenta Thelma de Oliveira.

Antes mesmo de começar minha pequena fala, rendo homenagem às mulheres, em especial a V.Exa., que, com seu brilho, talento, sua força de vontade e seu caráter, desempenha papel fantástico em nossa bancada do PSDB. O fato de presidir esta sessão solene não é apenas uma coincidência, especialmente por ter ao seu lado o ilustre companheiro, ex-Deputado, ex-Governador Dante de Oliveira, seu marido. São fatores que se conjugam e que se somam aos valores de V.Exa.

Meu caro Domingos Leonelli, companheiro do mandato de 1999, é uma alegria revê-lo. Caríssimos Deputados presentes a esta hora, senhoras e senhores, lamento que tenha havido um pequeno esvaziamento no plenário.

Honra-me sobremaneira e dignifica-me poder lembrar aqui, em conjunto com as senhoras, senhores e companheiros, o momento que provocou, como já dito, todo um sentimento nacional pelo Diretas-Já, ocasião magnífica da história do Brasil sobre o qual posso falar, talvez, com alguma vantagem sobre os oradores que me antecederam, porque eu os vivi. Afinal, minha idade me permitiu isso.

Eu os vivi de perto. Não tive lugar de destaque nos palanques, até porque não era ocupante de cargo público naquele momento. Mas estava lá, na minha São Paulo, em meio à multidão, junto ao povo e ao pulsar dos corações, nas ruas, que foram chegando. Alguns participavam de movimentos organizados, outros se envolveram porque convidados pelos que lideravam e coordenavam os movimentos, souberam



daquela movimentação histórica comandada por Franco Montoro, no dia 25 de janeiro. Mas a imensa maioria lá chegava de forma independente, de modo a poder extravasar um desejo muito forte de poder, sem nenhuma injunção, escolher o mais alto mandatário do seu País. Não era uma pequena conquista. Era uma enorme conquista. Aqui vivemos um paradoxo.

V.Exas. e eu conhecemos um bom número de emendas constitucionais, até porque ou votamos contra ou a favor. Eu tenho 10 dez anos de Congresso Nacional. Certamente, os mais antigos têm um maior conhecimento de emendas constitucionais que já foram discutidas, aprovadas ou rejeitadas nesta Casa. Não obstante, meu caro Dante de Oliveira, nenhuma das emendas já aprovadas foi tão conhecida e tão celebrada quanto aquela que, na madrugada, tristemente, foi rejeitada, numa manobra que, às vezes, as maiorias, sem a coragem de enfrentar o julgamento da história, acabam impondo às minorias que tentavam fazer valer seu ideal.

Sei o quanto isso angustiou, pelo menos, duas pessoas que acompanhavam, dali de fora, o que se passava: D. Mora, a companheira de Ulysses, que já se foi —rendo, aqui, minhas homenagens a ela — e, para nossa alegria, a Deputada Thelma de Oliveira. Derramaram lágrimas juntas pela tristeza e pela decepção do momento. Mas, no instante seguinte, sentindo que o povo brasileiro não se conformaria com o que aconteceu, reverteram a situação: partiram para o movimento que resultou na eleição indireta de Tancredo Neves e, a partir daí, na redemocratização do País.

Ouçó, com prazer, o nobre Deputado Lobbe Neto.

O Sr. Lobbe Neto - Sra. Presidenta, Deputada Thelma de Oliveira, quero saudá-la juntamente com todas as Deputadas e mulheres presentes a esta homenagem. Meus cumprimentos ao ex-Deputado e Governador Dante de Oliveira,



ao ex-Deputado Domingos Leonelli, ao Deputado Antonio Carlos Pannunzio, que fala pela Liderança do PSDB — parabenizo-o pelo brilhante pronunciamento. Esta sessão muito nos emociona. Naquela oportunidade, também estava recém-eleito Vice-Prefeito da cidade de São Carlos, pelo MDB. Fizemos uma caravana do interior indo à Praça da Sé. Somamo-nos às grandes lideranças daquele momento. Dante de Oliveira foi um exemplo do Parlamento e do sentimento nacional. Foi por meio da sua emenda e desta Casa que partiu a grande vitória da redemocratização do País — embora tenha havido uma frustração causada pelo Congresso Nacional a toda Nação, naquele momento. Hoje teremos seu livro sendo autografado para todos aqueles que queiram conhecer essa história um pouco mais de perto. Parabéns, Dante de Oliveira, Deputada Thelma de Oliveira, Deputado Antonio Carlos Pannunzio e todos aqueles que contribuíram para a redemocratização do País. É muito importante para nós ouvir, no Congresso, o que a rua quer, o que a população exige dos Parlamentares, e não fazer manobras para não realizar uma CPI que a população tanto deseja e tantas outras coisas. Parabéns Antonio Carlos Pannunzio pela sua fala.

O SR. ANTONIO CARLOS PANNUNZIO - Muito obrigado, Deputado Lobbe Neto.

Rendi e continuo rendendo minhas homenagens à sabedoria do jovem Deputado Dante de Oliveira.

Quero lembrar aqui que o veterano, aquele que foi para minha geração um professor, Franco Montoro, que teve a percepção maior de que era chegada a hora de mudanças, teve a sensibilidade epidérmica de ouvir o clamor do povo nas ruas e intuiu, antes de todos, que a sociedade brasileira estava pronta para dar a grande vitória à democracia. Ele percebeu aquilo que somente os sábios conseguem



vislumbrar — e aqui uso uma frase de Victor Hugo, pensador e escritor: “*Nada há mais forte que uma idéia quando a hora é chegada*”.

Sras. e Srs. Parlamentares, essa lição de 1984 deve ser perenizada e observada em todos os momentos por aqueles que, como nós e como outras autoridades da República, têm responsabilidades para com o povo e para com a Nação brasileira.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTA (Thelma de Oliveira) - Agradeço a V.Exa. a referência não só à minha pessoa, mas a todas as mulheres do Brasil que tiveram uma forte atuação por ocasião daquele movimento, em especial nossa querida e saudosa D. Mora, esposa do Comandante, o Sr. Diretas-Já, Ulysses Guimarães.



A SRA. PRESIDENTA (Thelma de Oliveira) - Concedo a palavra ao Deputado Carlos Mota, para falar pela Liderança do PL.

O SR. CARLOS MOTA (Bloco/PL-MG. Sem revisão do orador.) - Sra. Presidente, Deputada Thelma de Oliveira, Sras. e Srs. Deputados, autores do requerimento de realização desta memorável sessão comemorativa dos 20 anos do movimento das Diretas-Já, recebi a grata incumbência de falar em nome do meu partido, que preparou a minuta de um pronunciamento. Mas, diante da emoção, deixo-a de lado para fazer uma observação pegando um gancho de um dos autores dessa proposta, Deputado Chico Alencar, que revela números já divulgados, mas que não houve repercussão tão importante, em relação a um certo descaso da população latino-americana principalmente com relação à democracia.

Creio que seria mais útil a minha fala se abordar este pequeno aspecto da democracia.

Ouvi jovens presentes neste plenário comentarem entre si que desconheciam o movimento das Diretas-Já e a ditadura militar, o que me remeteu a episódio ocorrido quando, ainda em minha cidade natal, Minas Novas, no Vale do Jequitinhonha, eu freqüentava o ginásio. Por volta de 1969, vindos do Rio de Janeiro, chegaram 2 novos professores. Em 1972, um deles resolveu fazer uns rabiscos no retrato do ditador Emílio Garrastazu Médici. Esse cidadão, na verdade nascido em Corumbá, foi perseguido e, depois de pouco mais de um ano, encontrado morto à porta do Presídio Frei Caneca, no Rio de Janeiro.

Sr. Presidente, aproveito a oportunidade para ressaltar a importância da liberdade e da democracia, do movimento das Diretas-Já e da emenda proposta pelo então jovem Deputado Dante de Oliveira.



À época, eu era estudante universitário na Casa Affonso Penna, na Escola de Direito da UFMG, e, ao mesmo tempo, iniciante servidor público — como tal, era proibido pelos superiores de participar do movimento. Acompanhei o movimento pela televisão e, mesmo correndo o risco de ser repreendido, estive presente ao memorável comício em prol das Diretas-Já, realizado em Belo Horizonte. Foi quando pude sentir a importância da mobilização popular. Chorei, decepcionado, por esta Casa não ter escutado os apelos das ruas em prol da emenda do Deputado Dante Oliveira.

É, portanto, da mais alta importância que esta Casa, o Governo e as escolas revelem à juventude, àqueles que não viveram aquele momento, página tão significativa da história do Brasil.

Eu e todos os que nasceram e viveram a juventude sob o manto negro da ditadura temos o dever de contar essa história, como faz a querida cantora Fafá de Belém.

Percebi, Sr. Presidente, que os jovens faziam fila para receber autógrafos do autor da emenda, o Deputado Dante de Oliveira, da cantora Fafá de Belém e do Deputado Chico Alencar, outro protagonista daquele momento.

Momentos como esse devem repetir-se. É nossa obrigação, das escolas, de toda a sociedade revelar essas e tantas outras belas páginas da nossa história.

Ouçó, com prazer, o Deputado Welinton Fagundes.

O Sr. Welinton Fagundes - Deputado Carlos Mota, companheiros Deputados, Sra. Presidenta desta sessão, Deputada Thelma de Oliveira, esposa do nosso companheiro Dante de Oliveira, minhas saudações. Há 20 anos aconteceu nesta Casa uma longa sessão, que atravessou a madrugada e foi acompanhada por todo o



Brasil. Aquela votação só aconteceu porque o então Deputado Dante de Oliveira, jovem politizado e obstinado, sabia que o País estava preparado para escolher seus representantes. Como mato-grossense, quero salientar a trajetória política de Dante de Oliveira, que exerceu praticamente todos os cargos da vida política. Em 1990, Dante de Oliveira foi candidato a Deputado Federal por um partido pequeno. Foi o mais votado no Estado, mas infelizmente seu partido não atingiu o quociente eleitoral. Dante de Oliveira foi depois Governador de Mato Grosso. Tive a oportunidade de com ele desenvolver vários projetos em benefício do povo mato-grossense. Rendo minhas homenagens a esse homem público que já contribuiu muito para o nosso País. Tenho certeza de que o futuro mostrará que esse visionário terá a oportunidade, concedida por Deus, de continuar sua trajetória na vida pública. Os jovens que aqui vieram hoje tinham os olhos brilhantes, mas esperam que a classe política lhes ofereça mais oportunidades — infelizmente, menos de 4% dos brasileiros conseguem concluir a universidade. Está chegando o momento de convocarmos os brasileiros, principalmente o Presidente Lula, eleito pela grande maioria da nossa população, para fazer do Brasil um país que dá mais oportunidades à sua gente. Fiquem registradas, portanto, minhas homenagens a essa figura histórica que teve a oportunidade de promover o maior movimento cívico da história deste País.

O SR. CARLOS MOTA - Agradeço ao Deputado Welinton Fagundes o aparte, que enriquece o meu pronunciamento.

Sra. Presidenta, para finalizar, rendo homenagem a Tancredo Neves, Ulysses Guimarães, Teotônio Vilela e tantas outras figuras exponenciais daquele momento que deve ser perenemente lembrado pela sociedade brasileira. *(Palmas.)*



A SRA. PRESIDENTA (Thelma de Oliveira) - Deputado Carlos Mota, agradecemos a V.Exa. a participação e a lembrança de que muitos gostariam de estar nas ruas mas não puderam. Continuemos lutando para consolidar cada vez mais a democracia neste País.



A SRA. PRESIDENTA (Thelma de Oliveira) - Convido para presidir esta sessão o Deputado Welinton Fagundes, do meu Estado, Mato Grosso.

A Sra. Thelma de Oliveira, § 2º do art. 18 do Regimento Interno, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Welinton Fagundes, § 2º do art. 18 do Regimento Interno.



O SR. PRESIDENTE (Welinton Fagundes) - Esta Presidência comunica que ainda estão inscritos os Srs. Deputados Dr. Evilásio, do PSB, Alceu Collares, do PDT, Daniel Almeida, do PCdoB, e Marcelo Ortiz, do PV.



O SR. PRESIDENTE (Welinton Fagundes) - Concedo a palavra ao nobre Deputado Roberto Freire, que falará pelo PPS.

O SR. ROBERTO FREIRE (PPS-PE. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, companheiros de Legislatura na época em que se votou a emenda das Diretas-Já, de autoria dos ex-Deputados Dante Oliveira e Domingos Leonelli, com quem trabalhamos para que a proposta fosse aprovada, tenho um discurso escrito, polêmico, mas vou encaminhá-lo à Mesa como lido.

O panegírico das Diretas-Já foi feito pelos Deputados que me antecederam, e muitos ainda o farão, justamente, mas eu, como sempre, quero criar um pouco de polêmica. Polêmica não com relação ao movimento das Diretas, mas à memória histórica do longo período de ditadura militar e às várias formas de luta de resistência tentadas para recuperarmos a democracia.

No momento em que lembramos os 40 anos do golpe militar e comemoramos os 20 anos da campanha das Diretas-Já, fazendo todo este apanhando do que ocorreu, é bom que aqueles que testemunharam o processo não se rendam ao discurso, hoje laudatório. É bom firmar na história o que se passou em momentos que não eram laudatórios; eram dramáticos, momentos difíceis que depois podem ser esquecidos, mas que é bom sejam recordados.

Há, por exemplo, uma tentativa de esquecer aqueles que anonimamente sustentaram a luta democrática diuturna, sem nenhum gesto heróico, militantes ativos no dia-a-dia de uma organização popular, de uma luta de massa que muitas vezes não era reconhecida e, em alguns momentos, por lances espetaculares, era até desmerecida. Todo esse processo que culminou com a campanha das Diretas-Já foi construído também com imensos sacrifícios que ficaram no anonimato.



A luta de resistência democrática fundou o MDB, que participou de eleições difíceis e em algum momento se desesperou, chegando até a pensar em autodissolver-se na década de 70, a chamada década do milagre. E hoje alguns milagreiros são tremendamente enaltecidos!

Lembrar esse passado pode ser polêmico, mas é importante dizer que as Diretas-Já aconteceram graças a essa luta diuturna e anônima dos que formaram a resistência democrática no velho MDB de guerra. Nós, os comunistas do PCB, lá estivemos desde a origem.

Faço estas observações para levantar uma discussão sobre o pós-Diretas-Já. O movimento por eleições diretas foi com certeza a maior mobilização popular da nossa história republicana e resultou na derrota da ditadura e no instrumento que ela havia criado para sua reprodução, o Colégio Eleitoral. A coragem daquele movimento promoveu a derrota do regime e a vitória da resistência democrática, que quero enaltecer, ainda que levantando a polêmica.

Sr. Presidente, esse é o conteúdo do meu discurso que peço seja considerado como lido. Mas quero lembrar uma pequena passagem, que é interessante.

Parece-me que foi nomeada uma comissão. Minha memória, depois de certa idade, ficou meio seletiva, Sr. Presidente. Na mídia, muitos enaltecem aqueles que, por um equívoco, enveredaram por outro caminho no combate à ditadura. Estes foram lembrados na passagem dos 40 anos do regime militar. Talvez até se tenham esquecido de alguns daqueles lutadores anônimos que por vezes foram criticados, chamados de reformistas. Só não os chamaram de colaboracionistas porque em nenhum momento houve colaboração.



Houve, contudo, um outro tipo de luta, e dela há aqui alguns representantes, como o companheiro Deputado Alceu Collares, que merecem toda esta homenagem. Reportando-me aos mortos, lembro Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Franco Montoro, Marcos Freire e outros tantos.

Corremos sempre o risco de, quando começamos lembrar, esquecer algum. Foram muitos os que trabalharam por isso, muitos os que dedicaram a vida pública a esse combate à ditadura.

Quero lembrar um pequeno entrevero que houve na votação da emenda das Diretas para retirada de assinaturas, como tínhamos feito pela Anistia, em algumas emendas que atravancavam a cronologia da votação da emenda.

Infelizmente, vários companheiros assinam emendas sem saber se a elas são favoráveis ou não. Recordo bem que vários companheiros, lutadores nas causas nacionalistas, assinaram a emenda que acabava com o monopólio da PETROBRAS, nos idos de 1970. E por quê? Porque aqui, nos corredores, se assina qualquer emenda, como se o Parlamentar autor da proposição fosse sentir-se ofendido pelo fato de não a assinarmos, em vez de satisfeito por saber se somos ou não favoráveis, se queremos ou não dar o apoio à discussão.

Importante seria que tudo estivesse bem consolidado, bem consciente. Se assim fosse, não teríamos tido aquele trabalho todo para retirar assinaturas, a fim de que avançassem as emendas que gostaríamos de votar. E duas delas marcaram o Plenário desta Casa na luta de resistência contra a ditadura militar: a Emenda Djalma Marinho, que concedia anistia ampla, geral e irrestrita já naquele momento — coisa que só fomos conseguir na Constituinte —, que perdemos por 4 votos; e a Emenda Dante de Oliveira, das Diretas, a que sempre devemos prestar homenagem.



Portanto, que esta homenagem seja aos anônimos, a todos os cidadãos brasileiros. (*Palmas.*)

PRONUNCIAMENTO ENCAMINHADO PELO ORADOR

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, muito se escreveu e se falou nos últimos dias sobre o significado da memorável campanha das Diretas-Já, a maior mobilização de massa vivida pelo País nos últimos 40 anos, superior ao movimento do *impeachment*, que teve como marca importante a inserção da juventude, com suas caras pintadas, no interior da política nacional. Muito desses jovens hoje estão entre nós como Parlamentares e expressivas lideranças políticas.

Temos um pouco de cuidado para não dar ao movimento Diretas-Já a primazia da virada política no combate à ditadura, até mesmo porque outros movimentos, com maior ou menor retumbância, também colocaram seus tijolos sólidos na grande jornada da sociedade contra o terror, a intolerância, o arbítrio, o protofascismo. Não tenhamos dúvida, porém: o movimento foi um marco histórico e assim deve ser comemorado.

Também não queremos seguir no caminho comum, já decantado pela imprensa e por tantos discursos, quase todos eles válidos e representando visões distintas, ricas, de todo o processo que aqui analisamos. Queremos sair da rotina. Interessa-nos ver outras facetas que sirvam para analisar melhor o passado, compreender o presente, reafirmar o caminho democrático como uma forma única, e insubstituível, de transformar o mundo.

Se cometemos muitos erros no passado, nós, do PPS, com base em documentos substantivos, elaborados em eras remotas, citamos um, a Declaração do



PCB de Março de 1958, em que pudemos afirmar alto e bom som: temos horror ao arbítrio, à intolerância, a caminhos únicos, a verdades predefinidas, ao salvacionismo, à idéia de partido subordinador, mesmo que travestido de pluralista. A democracia deve ser pensada por um conceito universal, embora saibamos que cada cultura a conforma historicamente. Diferentemente de adaptação, pois a democracia não se adapta, ela é rebelde, exige oxigênio, liberdade.

Exercitemos a polêmica.

Se entendemos a democracia como amplo processo libertário, de diálogo, de construção coletiva, que demanda a participação de milhares de pessoas, no caso brasileiro, podemos já fazer uma afirmação peremptória: as Diretas-Já são herdeiras e ao mesmo tempo impulsionadoras de uma linha reta no pós-ditadura, que passa pela sabedoria de se entender o que ocorreu em 1964 como uma derrota das forças democráticas — e o PCB é prócer desse entendimento; pela atuação e o fortalecimento da oposição consentida, o PMDB; pelo amplo movimento da Anistia, que incorporou à luta homens que até então se vinculavam ao regime, como o grande brasileiro Teotônio Vilela; pela emergência dos movimentos estudantil e operário nos anos 70; pelo desassombro da comunidade científica que se expressava pelos amplos congressos da SBPC; pelo Colégio Eleitoral, que elegeu Tancredo Neves; pela vigorosa Constituinte de 1988; pela iniciativa corajosa do *impeachment* até chegar hoje a Lula, que, em qualquer das hipóteses de avaliação de seu Governo, aportará à história uma importante contribuição: ter desinterditado definitivamente o debate cultural e político no Brasil.

Ao radicalizarmos na questão democrática, embora respeitamos e admiramos todas as ações heróicas de cidadãos e cidadãs brasileiros tombados pelos seus



ideais, podemos fazer algumas afirmações que certamente muitos podem querer questionar. Por exemplo, não estão na base da concepção das Diretas-Já, pela vertente democrática, movimentos e comportamentos como o da defesa do voto nulo, tão difundido logo após o golpe militar pela AP; as diversas tentativas fracassadas da luta armada, aí incluída a guerrilha do Araguaia; o liquidaçãoismo que assaltou parte do MDB após a derrota de 1970. Muitos de seus líderes, próceres e militantes, que sobreviveram e se mantiveram na luta, se converteram em grandes líderes democratas, até das Diretas-Já, posteriormente, mas já líderes com outra concepção, convertidos ao processo democrático.

Assustou-nos na lembrança dos 40 anos do golpe militar, por parte de setores da mídia, uma tendência a enaltecer a luta armada como a grande vertente de resistência. Ora, a resistência de fato veio de outros movimentos, das frentes políticas e democráticas. Foram estas que concretamente derrotaram o regime, com os comunistas do PCB, Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Barbosa Lima Sobrinho, Teotônio Vilela, Marcos Freire, Franco Montoro e tantos outros.

Orgulha-nos a todos do PPS — herdeiro do Partidão — ter concebido e ter ficado lado a lado das grandes vagas e articulações democráticas. Não nos deixamos iludir pelo esquerdismo estéril, como também não coonestamos, um único milímetro, com a ditadura e seus baluartes. Tão logo eclodiu o golpe de 1964, já tivemos a noção clara de que um longo período de resistência pacífica se iniciava. Ajudamos a criar e a dirigir por muitos anos o MDB; tivemos paciência, demonstramos o equívoco de propostas radicalizadas em torno da Anistia e da Constituinte; fomos ao Colégio Eleitoral depois de derrotadas as Diretas-Já; consideramos a nova Constituição um diploma legal avançado e o assinamos; tivemos a coragem de legalizar o PCB quando



foi possível, como também ousamos lançar candidaturas próprias em 1989, em 1998 e em 2002. Lutamos pela democracia, queremos reafirmar a pluralidade e, agora, efetivar a maior igualdade social.

Apenas uma digressão: em Congresso realizado clandestinamente em 1967, o então PCB já fazia constar em seus documentos as teses da Constituinte e da Anistia, levadas com força ao MDB, em encontro em Recife, em 1970, que produziu a famosa Carta do Recife. As Diretas-Já foram o corolário de massa de toda essa preparação, da ousadia, da prudência e do acreditar na força popular.

Nem sempre o que prevalece na história são os movimentos nominalmente vitoriosos. A campanha das Diretas-Já, por meio da Emenda Dante de Oliveira, derrotada em um primeiro momento, foi uma alavanca para ir mais longe depois. Quem a deteve, a história já sepultou. Os que a impulsionou, estão com seus nomes gravados no grande muro das conquistas libertárias de nossa gente.

Sempre estará entre nós o espírito libertário das Diretas-Já. Chegou-se a achar que a cara pintada da liberdade tinha uma cor só e a história recente mostra que isso era falso. Porém, assim como o PPS sempre percebeu e defendeu, as cores naturalmente são múltiplas e os rostos políticos do País, de vários formatos.

Por convicção democrática, ontem proclamamos Diretas-Já; hoje dizemos: já e sempre. Quem sabe essa expressão não pudesse ser transmutada, nos tempos atuais, para Mudanças-Já.

Afinal, diretas e mudanças devem caminhar juntas.



O SR. PRESIDENTE (Welinton Fagundes) - Concedo a palavra ao Sr. Deputado Dr. Evilásio, pelo PSB.

O SR. DR. EVILÁSIO (PSB-SP. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Deputado Welinton Fagundes, Sras. e Srs. Deputados, sempre Governador Dante de Oliveira, meu amigo companheiro de partido, bravo Deputado, homem que materializou toda essa história no livro ora lançado nesta Casa; meu amigo Domingos Leonelli, um bom baiano, trouxe aqui um pronunciamento escrito, mas peço que seja dado como lido. O momento é muito nobre, e eu não quero que se cale minha emoção e a espontaneidade que o momento requer.

Os jovens com até 20 anos de idade do País viveram um grande momento cívico, aquele que fez este Congresso cassar pela primeira vez um Presidente da República, o Sr. Fernando Collor de Mello. Os jovens brasileiros com mais de 30 anos tiveram um momento maior, que considero ser até agora o maior movimento popular e cívico da história do País: o movimento Diretas-Já, por meio do qual se pretendia simplesmente que os brasileiros escolhessem seus representantes, nada mais do que isso. Nada mais sagrado do que esse momento para uma nação democrática.

Foi um movimento que uniu todos: trabalhadores, patrões, líderes de todos os partidos de oposição, artistas, líderes sindicais, entre eles o hoje Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O momento me marcou. Jovem médico recém-chegado a São Paulo, soube da movimentação para aquele grande comício no Vale do Anhangabaú. Nem conhecia São Paulo direito, mas disse que iria àquele evento. Palpitava o meu coração, como palpitavam os corações de mais de 100 milhões de brasileiros. Fui ao comício. Devo ter ficado na Avenida 9 de Julho. Acho que não deu nem para chegar ao Vale do



Anhangabaú. Via uma grande multidão na minha frente — se não me engano, eram 1 milhão e 700 mil cabeças. Acho que eu era um dos últimos da fila. E vi legendárias figuras, hoje imortais da política brasileira, como Franco Montoro, Tancredo Neves e Mário Covas.

Entre elas encontrava-se um jovem que devia ter a minha idade, um idealista que sacudiu multidões e renovou a esperança dos brasileiros. Esse foi, para mim, o marco zero da redemocratização do País. Por isso, sinto-me emocionado de estar hoje nesta tribuna vendo na Mesa, dirigindo os trabalhos desta sessão solene, aquele jovem altruísta, teimoso, idealista, que acreditava, e ainda acredita, no País e no povo brasileiro.

Também estava naquele comício o jovem e influente locutor das Diretas, Osmar Santos. Na ocasião, ouvi entoar o *Hino Nacional* a cantora Fafá de Belém. Era uma interpretação diferente, criativa, que se tornou emblemática. Ela não apenas cantava, mas encantava o Brasil.

É esse momento que a história reserva. Os brasileiros serão sempre gratos e jamais irão esquecer-lo. Tanto é verdade que, por causa do seu discernimento e da sua bravura, se tornaram imortais para a política e para a Nação personagens como Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Teotônio Vilela, Mário Covas, entre outros.

Os que votaram contra a emenda naquela gélida madrugada, ao morrerem, completaram apenas o ciclo biológico que a vida determina. Há, ainda, os que votaram e estão vivos, mas morreram para a história.

Nesta sessão solene em homenagem ao movimento Diretas-Já, saudamos não apenas o idealizador desse grande movimento, mas o povo brasileiro. Na minha modesta lista, coloco V.Exa., caro Dante de Oliveira, entre os 100 maiores brasileiros



do século que terminou o último milênio. Tenha neste companheiro Deputado um admirador seu. Isto falo em meu nome e em nome do povo brasileiro.

Muito obrigado, Sr. Presidente. *(Palmas.)*

PRONUNCIAMENTO ENCAMINHADO PELO ORADOR

Venho, em nome do meu partido, o PSB, render nossa homenagem aos milhões de brasileiros que há 20 anos foram às ruas como protagonistas da maior mobilização popular da história do nosso País. Refiro-me à campanha das Diretas-Já, movimento cujo objetivo comum era reivindicar o direito ao voto para Presidente da República.

Em 1964, quando os militares tomaram o poder, havia sido negado ao povo o direito de eleger os seus governantes. Assim, durante esse período, os presidentes foram escolhidos pelo Congresso ou por um Colégio Eleitoral.

Porém, em 1983, o País, imerso em profunda recessão, assistia ao fortalecimento de diversos movimentos sociais organizados e o regime militar começava a viver o seu ocaso. Foi quando o então Deputado Dante de Oliveira protocolou nesta Casa uma emenda constitucional restabelecendo eleições diretas para a Presidência da República e que se tornaria o pivô do movimento que ora homenageamos. A emenda das Diretas logo viraria a Emenda Dante de Oliveira e entraria definitivamente na agenda política nacional.

A campanha pela aprovação dessa emenda foi encampada pelo PMDB, por líderes sindicais como o atual Presidente Lula e por políticos como Leonel Brizola e Franco Montoro. Contou também com a participação decisiva de Tancredo Neves, Ulysses Guimarães e Teotônio Vilela.



A percepção de que estavam dadas as condições históricas para a redemocratização ampla era nítida e esse sentimento animaria sindicalistas, estudantes, Parlamentares de oposição, trabalhadores rurais, artistas engajados, enfim, uma parcela expressiva da população a participarem do movimento Diretas-Já e que viria a tomar enorme vulto no ano seguinte.

Até aquele momento, o principal argumento dos estrategistas do regime era o de que *"o povo não estava preparado para votar"*. No entanto, a bandeira que se agitaria nas ruas com a campanha das Diretas seria outra. O tom da retórica dos palanques era dado pelo povo. Havia uma liturgia mágica em cada comício. O que enlevava a multidão e ampliava sua energia transformadora era a sensação de protagonizar a própria história. O espetáculo maior não estava nos oradores, mas no mar de gente e bandeiras que mudava a geografia das ruas. Nunca o sentimento republicano foi tão visceral. Vinte anos depois, o grito, represado pelos porões da tortura e pela cumplicidade do baronato da imprensa, parecia querer retornar no tempo e desfazer a farsa.

Nos palanques, lideranças oposicionistas e dissidentes governistas davam-se as mãos. Os meios de comunicação também se envolveram na campanha. O jornal *Folha de S.Paulo* apoiou formalmente o movimento e redes de TV realizavam coberturas desses eventos, que continuaram até 24 de abril de 1984, véspera da votação da Emenda Dante de Oliveira.

Realizados em Belo Horizonte, Curitiba, Rio de Janeiro e o colossal encerramento da campanha, num ato público que reuniu 1 milhão e 700 mil pessoas em São Paulo, esses comícios mostravam um país ávido por mudanças. Mas apesar dessa enorme pressão popular a emenda Dante de Oliveira foi derrotada nesta



Câmara. E a democracia novamente saía gravemente ferida por mais um pacto de elites. As ruas, não sem pranto, esvaziaram-se e os cidadãos trocaram de lugar e natureza. Foram assistir ao fim do regime militar em casa, como telespectadores. E somente 5 anos depois é que, afinal, os brasileiros puderam eleger pelo voto direto o primeiro presidente, após um período de 25 anos.

Parabenizo os Deputados Wilson Santos, Chico Alencar e Eduardo Paes pela iniciativa em requerer esta solenidade. Quero, sobretudo, expressar minha homenagem a cada um daqueles que compuseram o corpo vivo desse movimento chamado Diretas-Já: o cidadão comum que, como um bravo guerreiro da paz, empunhou sua bandeira, bradou o seu grito e nele se embriagou de identidades perdidas e cuja brilhante ação nas ruas significou um importante resgate das possibilidades éticas da história da política nacional. Oxalá cada um de nós, como representantes desse mesmo povo, não esqueçamos esse belo exemplo — jamais!

Muito obrigado.

Era este o meu pronunciamento.



O SR. PRESIDENTE (Welinton Fagundes) - Concedo a palavra ao Sr. Deputado Alceu Collares, pelo PDT.

O SR. ALCEU COLLARES (PDT-RS. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, vivemos um momento de grandeza ao rememoramos esse período que viveu a Nação brasileira. Foram momentos difíceis, amargos, tenebrosos. Houve aqui afirmações dos Deputados Roberto Freire e Chico Alencar que tentaram desviar-se um pouco do processo laudatório merecido para o Dante de Oliveira, que foi, sem dúvida, quem teve a idéia de apresentar emendas, além de Domingos Leonelli.

Poderíamos indagar que causas levaram esses homens, esses líderes, a terem que apresentar emendas por Diretas-Já. O que teria acontecido antes, de dramático e de triste, para a Nação brasileira? Foi o tenebroso momento de 1964, noite escura que se prolongou por mais de 21 anos. E por que 1964? Porque a Nação brasileira vinha num processo de debates, discussões e tomada de consciência a respeito da necessidade das chamadas reformas de base.

Foram as reformas de base que assustaram os conservadores, os oligarcas, as elites, a burguesia e as classes dominantes brasileiras. E foram os conservadores que impediram que se realizassem as reformas de base propostas pelo trabalhismo, na pessoa do Presidente eleito João Goulart, que estavam empolgando, emocionando a Nação, num processo profundo de conscientização política a respeito dos direitos básicos da cidadania. Foi exatamente esse inconformismo do conservadorismo que se movimentou.

Antes, em 1961, militares tentaram o golpe, repellido pela extraordinária oportunidade e sensibilidade de Leonel Brizola, com o movimento de 1961. Antes de



Leonel Brizola e João Goulart, veio Getúlio Vargas. Hoje, percebi, tristemente, que ninguém mencionou essas extraordinárias figuras que efetivamente aprofundaram o debate na Nação e fizeram penetrar nas profundidades da consciência, principalmente dos excluídos, o direito a um padrão de vida razoavelmente decente, à casa, à alimentação e ao emprego. O trabalho de Dante de Oliveira, assim como o de Leonel Brizola, foi fruto do cansaço e esgotamento da Nação com a truculência, violência, perseguição, tortura, censura e exílio — para onde foram homens, como Brizola, Miguel Arraes e tantos outros, como Jango, que lá morreu. Depois, veio a Anistia, movimento que teve a generosidade do povo brasileiro e acabou por jogar a ditadura na lata do lixo histórico.

O movimento das Diretas-Já — quando essas mobilizações magníficas, generosas e talentosas coincidem com a ânsia, vontade e desejo do povo — foi uma espécie, sem dúvida alguma, de selo para sepultar de vez a ditadura. Foi um momento de grandeza da Nação. Talvez não tenhamos tido a sensibilidade de prosseguir cultivando a liberdade de expressão, de ir e vir, de não ter fome, de não dormir debaixo das pontes, de ser criatura humana e de ter dignidade. Talvez, por falta de consciência, tenhamos nos encolhido e cruzado nossos braços. Com a eleição direta, Fernando Collor de Mello se elegeu Presidente da República. Mas não podemos dizer que o movimento das Diretas não valeu absolutamente nada. Para que serviu o sacrifício que mobilizou a Nação brasileira? Para eleger o Collor? E, depois, para deixar o vice governar? Já tínhamos sofrido antes com a maldição do Vice Sarney; uma maldição para a Pátria brasileira; a maldição das oligarquias; a maldição das elites, que ainda sofrerão as conseqüências.



Talvez não tenhamos aprendido bem, Dante, porque hoje se repete a ditadura feroz, talvez mais feroz do que a ditadura militar: a ditadura dos capitais financeiros nacional e internacional; a ditadura do neoliberalismo; a ditadura do monetarismo. Talvez — quem sabe? — ainda tenhamos que fazer a mais extraordinária continuidade das Diretas-Já: as Mudanças Já. Lula, que esteve em todos os comícios, que participou desse momento histórico das Diretas-Já, agora, na Presidência, lamentavelmente, dolorosamente, traiçoeiramente, se esqueceu de tudo.

É o momento, nobre Deputado Chico Alencar, de fazer o movimento nacional das mudanças já, para salvar não só o povo brasileiro, mas principalmente Lula, que precisa de um movimento que o retire das garras da ditadura dos capitais financeiros nacional e internacional. Parece que Lula caiu no conservadorismo, no retrocesso político e fez um acordo com as mais atrasadas oligarquias deste País.

Por isso, Dante, vamos continuar lutando, para que não tenha sido em vão aquela mobilização generosa, talentosa e abrangente que atingiu a consciência da Nação.

O SR. PRESIDENTE (Welinton Fagundes) - Nobre Deputado, solicito a V.Exa. que conclua seu pronunciamento, principalmente em função da sessão ordinária que será realizada posteriormente.

O SR. ALCEU COLLARES - Sr. Presidente, como os oradores que me antecederam, tenho o mesmo direito de ultrapassar o tempo. Ouvi Parlamentares utilizarem 5 minutos além do tempo concedido e desejo ser tão gente quanto eles. Tenho certeza de que o espírito democrático de V.Exa. não me vai cortar a palavra. Vou encerrar o discurso, mas diferença de tratamento entre oradores não admito. Sou



rebelde desde que nasci; até quando vendia laranja era rebelde. Sou um inconformado e tenho mais de 30 anos, muito mais.

Vamos tentar ajudar Lula. Nosso partido tem feito advertências da tribuna. Nosso Líder Brizola fez uma quantidade de mensagens, todas com o sentimento de esperança. Lula tem de se livrar da ditadura do capital financeiro internacional e nacional no encerramento desse ciclo econômico neoliberal. Deus colocou nas mãos de Lula todo instrumental para que seja um grande líder, um estadista no século XXI. Mas o homem se agachou, entregou-se, abraçou-se com o capital financeiro internacional. E vêm os Palocci, os Malan e os Fernando Henrique da vida. Querem dominar tudo, querem colocar um freio na nossa boca. Não vão conseguir.

O Lula tem de ter cuidado. Em 2003, repeti esse discurso 6 vezes, Presidente! Pareço o Joãozinho do Passo Certo, aquele que ninguém ouve. Ou, então, quem sabe, dirão: *“Tu, Negrão, é que estás errado. O Lula é que está certo, com o salário mínimo de 240 reais, com os 10 milhões de empregos, pagando esse superávit primário”*, uma sangria nas nossas veias abertas; o nosso sangue escorre e vai adubar o capital financeiro especulativo, a ditadura financeira internacional e nacional.

Sr. Presidente, peço escusas a V.Exa. por ter ultrapassado o tempo. Encerro na certeza de que Lula tem de fazer um exame de consciência e se lembrar de quando nasceu, lá nos confins da miséria, quando deixou sua região no pau-de-arara, quando estive com este homem, e estava sempre junto, não ficava na frente, nunca foi ligado ao exibicionismo, porque dele não precisa. Penso que, cumprindo meu dever, não preciso desse tipo de coisa. Preciso dizer o que considero verdade: Lula, ainda é tempo para reflexão, senão, vai cair no tacho da traição brasileira. (*Palmas.*)



O SR. PRESIDENTE (Welinton Fagundes) - Concedo a palavra ao Deputado

Daniel Almeida, pelo PCdoB.



**DISCURSO DO SR. DEPUTADO DANIEL ALMEIDA QUE, ENTREGUE
À REVISÃO DO ORADOR, SERÁ POSTERIORMENTE PUBLICADO.**



O SR. PRESIDENTE (Welinton Fagundes) - Concedo a palavra ao Deputado Marcelo Ortiz, para falar pelo PV. S.Exa. dispõe de 5 minutos.

O SR. MARCELO ORTIZ (PV-SP. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, senhores componentes da Mesa, Dante de Oliveira e Domingos Leonelli, o Partido Verde está presente neste plenário — e não poderia deixar de fazê-lo — ainda que não existisse na época das Diretas-Já.

O PV, ao qual tenho muita honra de pertencer, ainda não tem 20 anos, apenas 7, mas falar em seu nome hoje é reviver sua história mesmo antes da sua própria existência. Seus membros fundadores lutaram bravamente desde à instalação do regime bipartidário contra as arbitrariedades daqueles que compunham o Governo Federal. Não me refiro aos presidentes militares, mas a todos os brasileiros que se alojaram embaixo do manto protetor da ditadura, dos quartéis, da máquina governamental. Tudo era decidido em gabinetes fechados a 7 chaves. Não havia liberdade de imprensa. O povo nada sabia do que se passava nos bastidores, nos corredores e nas salas do poder.

Ouvimos hoje toda a história daquele período e do momento atual. Eu sou um dos anônimos que viveram aquela época. Costumo afirmar isso em todos os momentos, principalmente quando estou numa festa e faço um agradecimento a alguém. Normalmente, agradeço aos anônimos, àqueles que aprontaram as mesas, colocaram os pratos e os talheres sobre ela, fizeram toda a decoração, todo o cenário para, no dia seguinte, fazerem a limpeza da casa. Essas pessoas são homenageadas e elogiadas posteriormente pela festa maravilhosa que proporcionaram.

Contudo, essas pessoas normalmente são esquecidas, mas foram o lastro, o sustentáculo para que tudo pudesse efetivamente ocorrer.



Fui professor de Estudos dos Problemas Brasileiros — EPB. Que dificuldade! Que problemas que passei! Obrigavam-me a dizer coisas que não queria. A situação era muito difícil, mas passou. Fui Presidente do Tribunal de Ética da Ordem dos Advogados do Brasil. Nós, advogados, sofríamos muito com a situação, porque sabemos que a liberdade muitas vezes vale mais do que a própria vida. Podemos perder a vida sem sentir dor, mas a perda da liberdade sempre dói profundamente.

A perda da liberdade magoa-nos, liquida-nos. E já sentimos isso. A morte rápida às vezes é benéfica. Alguns são privilegiados e conseguem morrer sem sofrimento. Sofrer na clausura, na mordação, sem poder abrir a boca em defesa da Justiça é algo que não se pode dimensionar. E é isso o que esta sessão solene mostra à nossa gente, aos jovens que estiveram aqui mas que, graças a Deus, não passaram por esse problema.

Dizia Franco Motoro: *“Mais grave do que a miséria dos famintos é a inconsciência dos fatos”*. E até essa inconsciência existia àquela época — muitos não sentiam diretamente o problema que o Brasil atravessava. Felizmente, a resistência à opressão foi muito forte. O mesmo ocorreu na Revolução Francesa, na 2ª Guerra Mundial — e nessa época eu tinha 8 anos, mas sei perfeitamente que houve resistência —, na Guerra do Vietnã e agora, no Iraque.

Ninguém quer perder a liberdade. Mas a perdemos neste País. A Revolução tomou a pátria e o nosso *Hino Nacional*, que hoje, mais uma vez, tivemos a honra de ouvir pela voz da cantora Fafá de Belém. Isso muito me emocionou.

Que o marco sirva para a juventude, para que haja a permanência da democracia com base exatamente no que foi demonstrado pelos heróis abertos, pelo



que os senhores fizeram e por aqueles que anonimamente, a cada passo, permitiram que este Brasil continuasse a ser livre como hoje é.

Muito obrigado. (*Palmas.*)



O SR. PRESIDENTE (Welinton Fagundes) - Registro a presença do jovem João Antônio Fagundes, meu filho. Em nome dele, homenageio todos os jovens brasileiros e, em especial, os mato-grossenses.

Convido todos para o lançamento do livro *Diretas-Já: 15 Meses que Abalaram a Ditadura*, editado pelos companheiros Dante de Oliveira e Domingos Leonelli, às 18h30min no Salão Verde.

Antes de encerrar a sessão, convido todos a ouvirem a música *Coração de Estudante*, de autoria do cantor e compositor Milton Nascimento.

(É executada a música Coração de Estudante.)



V - ENCERRAMENTO

O SR. PRESIDENTE (Welinton Fagundes) - Nada mais havendo a tratar, vou encerrar a sessão.



O SR. PRESIDENTE (Welinton Fagundes) - Está encerrada a sessão.

(Encerra-se a sessão às 13 horas e 49 minutos.)